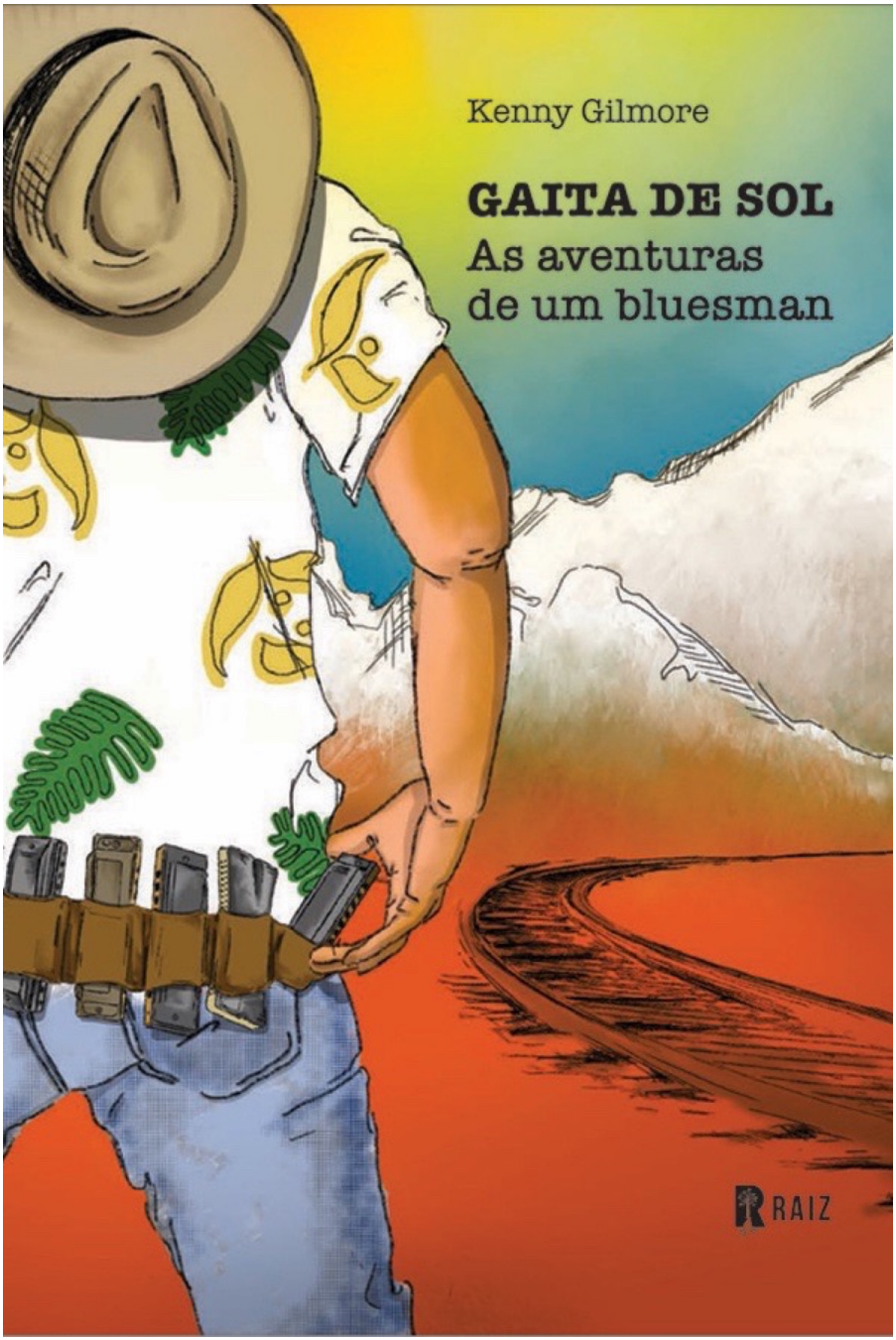
Kenny Gilmore
GAITA DE SOL
As aventuras
de um bluesman
RAIZ

VISIT...

Kenny Gilmore
GAITA DE SOL
As aventuras
de um bluesman
RAIZ


Kenny Gilmore
GAITA DE SOL
As aventuras
de um bluesman
RAIZ

# GAITA DE SOL

As aventuras
de um bluesman

Kenny Gilmore

# GAITA DE SOL

## As aventuras de um bluesman

RAIZ

Copyright © 2021 by **Kenny Gilmore**

**Gestão editorial**
Rosane N. Pessanha

**Preparação de texto**
Juva Batella

**Revisão de texto**
Luana Balthazar

**Capa**
Chica Batella

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gilmore, Kenny

Gaita de sol : as aventuras de um bluesman / Kenny Gilmore. -- Rio de Janeiro : Editora Raiz, 2021.

ISBN 978-65-88360-18-7

1. Aventura 2. Blues (Música) 3. Ficção - Autoria 4. Gaita (Música) 5. Gilmore, Kenny 6. Músicos de blues - Histórias
de vida I. Título.

21-79929 CDD-781.643

Índices para catálogo sistemático:
1. Músicos de blues : Aventuras : Histórias de vida 781.643
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Os personagens desta obra são reais apenas no mundo da ficção e não emitem opiniões a não ser no campo ficcional.

O conteúdo deste livro não pode ser reproduzido para fins comerciais, sem autorização prévia da autora.

Para o meu Pai, quem sempre
me mostrou o caminho.

Parte 1

# COMO EU DESCOBRI O BLUES

“A Harmônica é o instrumento
musical mais vendido no mundo.
Não me agradeça.”

Bob Dylan

# BB King

Esta história começa em Norwich. Norwich é uma cidade de bares e igrejas, futebol e pesca, protegida por grandes pântanos; um canto sonolento da Inglaterra. No entanto, foi nessa cidade tranquila que minha vida mudou, em uma única noite.

Seis estudantes universitários corriam pelo escuro em bicicletas antigas e corroídas pelo tempo. Na frente da fila estava o barbudo e cômico Abdul. Esse improvável mago é quem iria encontrar a chave do meu destino – no lixo.

Ele nos parou na estrada. Abdul era nosso bobo da corte; um brincalhão original da mais alta ordem. Naquela noite ele decidiu provocar cinco amigos estudantes.

Puxando o capuz sobre seu rosto para disfarçar sua identidade, levantou a lata de lixo até a altura do peito e virou-a. Garrafas, latas, jornais, caixas plásticas e um sapato vomitaram na grama, em uma torrente de lixo doméstico.

De repente, um objeto plano deslizou pro chão. Embora algo importante estivesse prestes a acontecer comigo, o mundo não deu nenhum sinal. O vento sacudia as árvores sem folhas, e nós ficamos, com nossas bicicletas, tremendo na calçada. Houve um coro:

— Abdul, desista!

Mas Abdul nos ignorou, congelado sobre o objeto plano.

— Loucos! — Ele se endireitou. — Só podem estar loucos! — gritou com raiva, acenando a coisa para nós. — Alguém jogou no lixo um CD do BB King.

— Um CD de quem? — perguntei.

Nós rimos. Abdul se aproximou de mim lentamente.

— Eu quero dar isso para você — disse.

Eu olhei pro CD. Tinha a foto de um homem gordo na frente,

tocando guitarra. Coloquei o CD no bolso e fomos para casa. O dado do destino tinha sido lançado.

De volta ao minúsculo quarto de nossa casa compartilhada, decidi dar uma chance ao presente. Eu posso dividir minha vida em duas partes. Antes de ouvir o CD do BB King e depois de ouvir o CD do BB King, pois nunca mais fui o mesmo. O álbum se chamava Live in Cook County Jail.

Acho que senti o baixo antes de ouvi-lo: rastejando pela minha coluna como um lagarto – incrivelmente profundo e suave. A bateria se juntou ao som, adicionando uma nitidez que me chocou como uma lufada de ar polar. Eu literalmente cambaleei no meu quarto, atordoado por uma profunda sensação que brotava da música. Quando a guitarra do King saiu pelo alto-falante – primitiva, intensa, soprano, e carregada com vibrato sobrenatural –, eu não estava pronto. Desmaiei no tapete.

Foi onde meus companheiros me encontraram, agora consciente, embora deitado e muito quieto.

— Abdul, Kenny está drogado! — um deles gritou.

De certo modo, meus colegas de quarto não conseguiram perceber o significado daquele momento, mas para mim uma paixão tinha nascido. Quando me levantei daquele chão, tinha certeza de apenas duas coisas: eu ia me mudar pro extremo sul dos Estados Unidos e ia levar algum instrumento comigo.

***

Meus dedos arranham, impotentes, as cascas da árvore andina, enquanto sinto meus joelhos se dobrarem. Sem querer, deslizo meu corpo até o chão. Posso sentir o veneno da aranha se espalhando como uma escuridão fria dentro dele. Meu coração está batendo muito rápido e estou com medo. Ocorre-me que não tenho ideia do que realmente está acontecendo. Estou morrendo, ou estou apenas entrando em choque? Sinto a pressão da terra sob meus joelhos. Colocando uma das mãos no chão, levanto a outra para revelar o corpo esmagado de uma pequena aranha marrom. Apesar de tudo, o biólogo em mim fica interessado; aranha pequena, possivelmente fêmea, um veneno maravilhosamente potente – um inseto recluso marrom, que pode

causar lesões necróticas.

Estou indignado com a injustiça de tudo isso. Justo agora ser picado por uma aranha venenosa?! Estou a 160 km de um hospital, sozinho nos Andes.

Eu percorro os olhos do aracnídeo esmagado até a outra mão, onde uma gaita está cintilando ao sol da manhã.

— Por que você fez isso? O que eu fiz para você?

Não tenho certeza se estou me referindo ao corpo sem vida na minha mão ou ao instrumento que me levou a essa confusão, a essa bagunça, e a centenas de outras situações antes. Não há resposta. Estou perdendo o controle do meu corpo.

Meu grito de dor e frustração ecoa contra os antigos troncos das árvores.

Ninguém me ouve.

Parte 2

# SUZUKI EM RÉ

Abraham Lincoln, tirando uma
gaita do bolso: “Banda de metais?
Esta é minha banda de metais.”

# Rua Dinamarca

Eu tinha 18 anos quando comprei minha primeira gaita em Londres, numa linda manhã de primavera. Eu não estava procurando uma gaita (tinha uma vaga ideia do que era uma gaita). E só sabia isso: viveria no sul dos Estados Unidos e chegaria lá com um instrumento. Mas eu não tinha ideia de qual instrumento. Minha única exigência era que coubesse na mala.

Há uma pequena rua em Londres – rua Dinamarca – em que um homem pode parar e admirar, lado a lado, uma dúzia de lojas de instrumentos, uma espécie de colesterol musical nas principais artérias do Soho. E por horas andei como um comprador virgem pela rua dourada. Salas lotadas de violões e pianos de cauda, pelos quais passei em reverência, como um rato; vitrines exibindo aparelhos e aparelhos; grandes amplificadores pretos de potência incalculável; quilômetros e quilômetros de cabos enrolados – um maravilhoso novo mundo que eu nunca tinha visto. No meu bolso eu tinha cinquenta libras esterlinas, que na inocência do meu coração universitário esperava poder comprar o instrumento dos meus sonhos.

Olhando para mim, de trás dos balcões, estavam os barbudos vendedores; guardiões de um universo cujas leis eu não compreendia. Eu me sentia intimidado diante daqueles caras.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou pela terceira vez.

— Hã… Eu…

Ele levantou uma sobrancelha.

— Eu… quero comprar um… instrumento… — Eu me ouvi dizendo, mas minha voz tremia e eu não gostei nada daquilo.

O homem suspirou, colocou as duas mãos no balcão e se inclinou para frente, como se falasse com um imbecil:

— E… que… tipo de… instrumento… você está procurando…

exatamente?

— Não sei… — Foi o máximo que eu consegui.

— Ah… — disse ele, fingindo compaixão. — Você está perdido, filho? — E os outros dois desataram a rir.

Eu sabia que não tinha sido um bom começo. Uma onda de vergonha subiu pelas minhas bochechas. E lutei para recuperar minha dignidade como cliente em potencial.

— Eu tenho cinquenta libras!

Eles riram ainda mais, e um deles até enxugou uma lágrima. Logo aprendi com meu erro. Os instrumentos geralmente custam mais de cinquenta libras, alguns muito mais, um deles explicou. Os preços de violinos, violões e saxofones foram expostos. Suspirei por cima de uma bateria.

— É melhor não falarmos sobre os pianos… — sugeriu ele, com gentileza.

Eu já estava me despedindo, meio sem graça, quando de repente notei uma pequena caixa numa prateleira.

— O que é isso?

Dando de ombros, ele explicou que era uma gaita – as palavras "Harmonica Suzuki em Ré" impressas em grandes letras douradas na caixa. Senti uma descarga de energia quando toquei naquela caixa. Tirei a tampa e vi um retângulo. Não era de metal como eu havia imaginado. Num delírio repentino eu diria ter visto um rubi de metal, aninhado num papel de seda, com cerca de dez centímetros de comprimento. Sim, era uma gaita vermelha, que não se parecia com um instrumento. Era um rubi de metal.

— Quanto custa? — e eu olhei bem pros olhos dele.

— Cinco libras.

— Eu quero — e coloquei com firmeza o dinheiro no balcão.

E saí dali, pela primeira vez, seguro de mim. Enquanto andava pela rua, sentia aquela coisa preciosa queimando no meu bolso. De alguma forma, eu sabia que tinha acabado de roubar o fogo dos deuses.

# Greyhound

Seis meses depois, eu estava num ônibus em Toronto, Canadá, e com a Suzuki em Ré no bolso. Meus dedos se fecharam em torno da superfície fria de metal, num gesto que já tinha se tornado habitual. Até então, durante aqueles seis meses, e todas as noites, eu passava horas no meu quarto, ouvindo Little Walter, Sonny Boy Williamson e Sonny Terry – todos grandes nomes. Eu era um iniciante, sabia qual a extremidade da gaita em que deveria pôr minha boca, mas meu maior talento parecia ser enchê-la de saliva, bloqueando os buracos. Eu precisava de uma inspiração – algo que não estava disponível em Norwich.

Eu resolveria esse problema imediatamente, viajando pelos Estados Unidos na companhia do ônibus Greyhound, do Canadá, até Baton Rouge, Louisiana. Estava tudo providenciado: eu frequentaria a Louisiana State University para estudar Engenharia Ambiental. O que meus professores não sabiam era que eu estava planejando me formar em blues.

Meu melhor amigo, o Shane, concordou em viajar comigo, e nós dois carregávamos nossos violões nas costas. Ele realmente sabia tocar; eu apenas parecia cool, carregando o meu, porque o que eu tocava mesmo (ou tentava), e de forma meio obsessiva, era minha Suzuki em Ré. Mal acordava e já pegava nela, sob os cobertores do quarto do hotel, e começava minhas sessões, bem baixinho. Meu amigo acordava com terríveis pesadelos – era o que ele me dizia.

Fizemos um pacto de irmos juntos até Kentucky, tocando nas ruas sempre que podíamos. Nenhum de nós tinha feito isso antes, e por isso oscilamos entre a ousadia descarada e a timidez extrema. Chegávamos a uma cidade, como Buffalo, no estado de Nova York, e íamos direto da rodoviária pro centro. Repentinamente perdíamos a coragem e nos escondíamos no menor beco, o mais escuro, e ali começávamos nosso

“concerto ao ar livre”. Sentado no chão, meu amigo tocava e cantava “Working Class Hero”, do Lennon. Eu dava tudo de mim tentando acompanhá-lo com minha Suzuki. Como não tínhamos partitura, claro, aprendi a improvisar um solo.

A maioria das pessoas nos ignorava, mas de vez em quando algo surpreendente acontecia. Na Filadélfia, por exemplo, um homem de terno inclinou-se e disse: “That’s real city music!”. E nos deu um dólar inteiro. Meu amigo, sarcástico, me disse que a frase correta era: “That’s real shitty music!”.

Tocar era fácil. Podíamos tocar a mesma música de novo e de novo, ninguém percebia. Assim que juntávamos o suficiente pro almoço (dois sanduíches), escapávamos.

— Vamos sair daqui antes que eles nos prendam!

E pulávamos no próximo ônibus em direção ao sul. Foi assim até Danville, Kentucky, onde nos despedimos. Esse foi o fim dos “concertos ao ar livre”. Daí continuei sozinho – seguindo minha trajetória espiritual, e sentindo falta do meu bom amigo.

A cada milha eu chegava mais perto do delta do Mississippi, o verdadeiro lar do blues. Tudo isso eu fazia por causa da música “Everybody wanna know, why I sing the blues”, do BB King, e porque queria aprender a tocar minha Suzuki em Ré. O que exatamente eu faria quando chegasse à Louisiana? Não sabia, mas minha alma estava quente.

A viagem foi muito ruim.

— Senhoras e senhores — disse o motorista, quando saímos de Kentucky. — Bem-vindos a Greyhound! Onde se você for desagradável ou tiver uma atitude negativa, receberá o mesmo de volta.

Fascinante, pensei. Uma menininha deixou cair a blusa no vaso sanitário e seus pais a pescaram, inundando o ônibus com um cheiro muito ruim. Quando chegamos a Nashville, peguei minhas coisas e pulei pro calor abafado do sul. Finalmente, eu estava na terra do blues.

## Café com prisioneiro

A primeira coisa que vi foi uma mulher negra sentada numa varanda gritando:

— Rapaz, você com certeza pode tocar esse seu violão aqui!

Ela estava tão errada! Eu não tinha ideia de como tocar meu violão. Também não fazia lá muita ideia do que ela dizia (eu nunca tinha ouvido um sotaque sulista antes). Era um mundo estranho, e eu tinha fome. Escolhi uma direção ao acaso e me afastei da rodoviária.

Fui parar na pior área de todo o Tennessee: num conjunto habitacional, com blocos densos. Os prédios horrorosos me cercavam, assim como uns caras com ar de pouca amizade. Pareciam bem perigosos e eu era esperto o suficiente para saber que estava em apuros. Concentrei-me em manter os olhos sempre em frente e andei rápido e firme, como se soubesse para onde ia. E sabia: o mais longe possível daquele buraco. De vez em quando algum deles saía para barrar meu caminho, mas eu dava uma volta, assim, assim, fingindo estar com muita pressa, e me safava.

Tentei a manobra com um cara de uniforme azul. Ele colocou as mãos nos quadris e disse, indignado:

— Rapaz, o que diabos você está fazendo aqui nesse bairro?

Nunca fiquei tão aliviado em ver um policial.

— A única razão pela qual você ainda está vivo é que parece ser um sujeito bom demais para ser verdade — disse ele, com voz de sermão e de olho na minha mochila, no meu violão e no grande chapéu de palha. — Esses malandros devem ter pensado que você é um policial à paisana — e riu. — O violão eu posso entender, mas com esse chapéu você está ridículo…

Ele continuou a bronca até o fim da rua escura e depois me apontou uma rota de fuga.

— Prometa que ficará longe de problemas?

— Prometo! — gritei, e com um aceno de despedida, rearrumei o violão no meu ombro e segui meu caminho.

Não dei cinco passos e fui confrontado por um homem enorme, negro, musculoso e com a cabeça raspada.

— Pode me dar um dólar? Tenho fome — disse ele, quase em cima de mim.

Eu via tatuagens estranhas nos seus braços, mas não distinguia os desenhos. Apesar da aparência rude, as linhas do seu sorriso, ao redor dos olhos, e as rugas nas bordas da boca falavam das suas traquinagens, suas marotices de menino. Senti uma simpatia imediata por aquele homem, até porque me passou a ideia de ser o único vivente na cidade que parecia estar com tanta fome quanto eu.

— Olá! — comecei, tentando, meio atrapalhado, falar como um cavalheiro do sul. — Você descobre o café da manhã e eu pago, combinado? — E estendi a mão.

Ele deu um sorriso imenso:

— Combinado, parceiro! Eu sou o Bob — apresentou-se, dando-me um aperto poderoso. (E notei aqueles dedos longos, esbeltos e elegantes.)

— Eu sou o Kenny… — disse, sentindo a mão esmagada pelo aperto do Bob.

Vinte minutos depois, estávamos sentados, pratos cheios de bacon e ovos, salsicha, waffles, grãos e molho. Comemos como leões, abatendo a comida, garfada após garfada, num silêncio sério, embora amigável. Foi somente quando Bob parou, suspirou e pegou mais sal, que notei a etiqueta da prisão no seu pulso direito. Gemi por dentro – ai… Eu tinha prometido não me meter em problemas.

Bob seguiu minha linha de visão.

— Bem, antes que você pergunte, acabei de sair. Cumpri sete anos. — E voltou-se pro prato, dessa vez atacando os ovos. Eu estava horrorizado, mas disfarcei, passando manteiga no meu waffle. Não perguntei o que ele tinha feito, e ele não me contou. O silêncio sério, ainda amigável, se tornou constrangedor. Por fim, ele se recostou, esfregou o rosto e suspirou.

— O que você está fazendo em Nashville, afinal? — E me disse para pedir dois cafés.

Pedi. Depois, pensei em dizer que ia morar na Louisiana por causa

de um CD de blues que meu amigo tinha encontrado numa lata de lixo, mas não disse. Ele não voltou a perguntar. Passamos ao café, que bebemos escutando o barulho feliz de nossos estômagos cheios, e eu paguei a conta. Na saída perguntei o que ele fazia antes de ir pra prisão.

— Eu era guitarrista.

Wow! E pedi a ele, na hora, que fosse comigo tocar meu violão na rua. E eu na minha Suzuki.

— Perda de tempo tocar na rua.

Murchei. Eu estava para contar das minhas apresentações nos becos da vida (até já começava a me orgulhar delas), em vez disso perguntei por quê. Ele resmungou:

— Vem atrás de mim.

Bob parecia confiável, e eu confiei na minha intuição.

Fui atrás dele.

# Traição

Saímos do centro da cidade e fomos parar numa ponte sob a rodovia. Quando chegamos vimos pessoas reunidas em grupos e cantando. Havia ali umas sete bandas bem equipadas, tocando guitarras com amplificadores – tudo sob a ponte. Notando meu violão, começaram a me chamar, cada banda para seu espaço. Eu passava por eles e ia escutando trechos de canções country rock. Os músicos pareciam excepcionalmente bons.

Olhei pro Bob.

— Eles querem que você se junte a eles, como todo garoto músico que vem aqui para Nashville tentar "acontecer". — E ele fez um gesto irônico com as mãos. — E sabe de uma coisa, Mr. Ken… (pausa de efeito). Enquanto eles tocarem embaixo de ponte ou no meio da rua, não vão conseguir porra nenhuma.

Esperei.

— As pessoas tratam um músico com tanto respeito quanto ele pede. Se você não pede por respeito, mano, você não recebe respeito. — Ele levantou as sobrancelhas e me olhou de um jeito firme.

Ele tinha razão: aquilo era óbvio, embora eu nunca tivesse pensado naquilo (como acontece com as coisas óbvias). E me lembrei da história do famoso violinista Joshua Bell, que decidiu tocar anonimamente no metrô de Nova Iorque. Foi ignorado por todo o mundo que passava. Claro. A tese do Bob.

Paramos no rio por um minuto, peguei minha Suzuki e comecei a tocar para um jovem bem vestido, um bigode grande e esvoaçante e um chapéu de cowboy.

— Oh! Eu tenho muitas dessas! — disse ele, e puxou uma gaita do bolso. Em menos de um minuto lá estava eu de volta ao meu insignificante lugar musical.

— Entendeu? — disse Bob, enquanto nos afastávamos. — Esses garotos são bons, muito bons. Mas enquanto ficarem por aqui, não vão conseguir ir a lugar nenhum. Bota uma coisa na sua cabeça, Kenny: um músico precisa de um pedaço de madeira respeitável debaixo dos seus calcanhares. Esse pedaço de madeira se chama palco.

Aquilo explicava tudo: Eu e meu amigo, em nossas viagens, tínhamos sido tudo, menos músicos respeitáveis.

Seguíamos andando, e eu tentei mais uma vez:

— Bob, eu gostaria que você tocasse meu violão. Apenas uma vez…

Ele parou, se virou para mim e uma faísca apareceu em seus olhos:

— Espere um minuto! Se vamos fazer isso, vamos fazer direito! Eu preciso de um emprego, e você vai me ajudar a conseguir esse emprego.

Eu escutava.

— Tem um local que vai apresentar hoje à noite uma das melhores jam sessions da cidade. — Ele sorriu: — Eu era o guitarrista da casa. Você me encontra às oito e eu toco esse violão. Não na rua, no palco. Se as coisas correrem bem, recupero meu antigo emprego, você me ouve tocar e ainda pode também ser convidado para tocar. Os dois ganham. Que tal?

— Combinado. — Meu sorriso foi maior que o dele. Poder tocar de improviso, sem saber o que vem pela frente, fez com que eu apostasse naquela noite de jam.

Na hora marcada, eu estava lá, do lado de fora do bar já lotado. A atmosfera na rua não estava boa. Havia um desfile de homens com um ar irado, andando para cima e para baixo, todos com guitarras penduradas nas costas e grandes chapéus escondendo os olhos. Cavaleiros do sul do país?, pensei.

Bob não estava à vista. Às 20:30 comecei a ficar nervoso. Eu tinha confiado num estranho, recém-saído da prisão, numa cidade estranha. Comecei a procurar na rua por algum sinal de que eu estava numa fria. Só vi gente estranha – e do outro lado da rua uns caras esquisitos que lançavam olhares zombeteiros para mim. Um deles atravessou, me olhou de cima a baixo (nessa hora meu coração disparou), e depois riu na minha cara antes de entrar no bar. Naquele momento tive a certeza de que tinha caído numa armadilha.

Então, corri. Em vez de seguir direto pra rodoviária (assim eu poderia ser facilmente seguido), fiz tantos desvios quanto minha memória permitia. Não parei até chegar à entrada lateral, onde um

policial soturno estava de guarda. Eu tinha sido feito de tolo e mal podia esperar para pegar o próximo ônibus pro sul. Afinal entrei num e me me afundei no assento.

Foi então que eu vi. O relógio da estação marcava 19:45. Como? Ainda faltavam quinze minutos para meu encontro com o Bob! Na minha jornada pro sul, eu tinha atravessado um fuso horário e meu relógio estava uma hora à frente. Meu relógio era o mentiroso, não meu novo amigo, o Bob. E eu era o burro! Burro, maluco e paranoico, me assustando à toa, à toa… Ainda eram 19:45 e eu estava saindo (fugindo!) de Nashville antes do meu encontro musical.

Bob nunca tocou meu violão, eu não tinha como entrar em contato com ele e eu estava me sentindo um merda por trair, sem querer, meu novo amigo. Lentamente, exausto das aventuras e fortes emoções em Nashville, caí num sono profundo. Apaguei.

# A chegada

Quando chegamos a Baton Rouge, eu não tinha forças para me mexer. Ainda sonolento, deixei o ônibus graças a uma mulher gentil que tocou levemente minha mão. Olhei para trás, pros cinco mil quilômetros que me trouxeram para minha nova casa. O peregrino tinha chegado!

Respirei fundo, sorri pro motorista e saí pelas portas hidráulicas. O ar soprava quente. A luz do sol escaldante do meio-dia brilhava nas janelas dos arranha-céus brancos e vazios. Baton Rouge foi uma das cidades que mais sofreram com severa descentralização nos anos 1990. Numa tarde de domingo, parecia mais uma cidade fantasma. Ganhei as ruas, o suor já escorrendo pelo meu pescoço.

Andei por debaixo de uma ponte e vi dois sujeitos estranhos compartilhando um cigarro. Senti uma estranha sensação de déjà vu.

— Pode nos arranjar um dólar, cara?

Peguei uma nota amassada e dei a ele.

— Obrigado, amigo… — Me olhando de cima a baixo, continuou: — Ah! Se você está querendo ir até a universidade, deixe-me mostrar o caminho.

Fiquei assustado. Como ele sabia para onde eu estava indo? A direção que ele me deu, eu ia me lembrar daquilo para sempre.

— Está vendo aquela rua? — E apontou pra frente.

Cheguei mais perto e olhei ao longo do seu braço, que cheirava como uma cerveja velha.

— Siga a rua até chegar ao rio Mississippi. Então você vira… pra esquerda. — E sorriu. — É isso aí.

Olhei para ele, maravilhado. É só isso? Que instruções incríveis! Os dois acenaram seriamente. Comecei a andar de novo, devagar, naquele clima sufocante. Eu já podia sentir o blues; ele fluía ao longo das ruas de trás, direto pra sarjeta, movendo-se como água corrente sob meus

pés.

Eu mal podia esperar para ter meu primeiro vislumbre da lendária canção "Ol' Man River", escrita em 1927 por Oscar Hammerstein II, com música de Jerome Kern. Assim como aqueles dois tinham me dito, o rio Mississippi estava bem ali. Montei na margem do dique e olhei pra frente. Um enorme, lamacento e formidável rio, cheio de navios poderosos, avançava preguiçosamente, passando por mim. Um vento quente soprou no meu rosto, cheirando a sal e petroquímicos. Eu estava sorrindo como um idiota. Eu tinha um forte sentimento de destino. Esse é o meu lugar, é aqui que eu devo estar, pensei.

O dique estava seco, cerca de dez metros acima do rio, e rodeado por árvores de aparência selvagem que obscureciam em parte a beira da água. Fosse um romance de Mark Twain, teria um cara morando lá embaixo. Obedecendo a um impulso, desci para investigar. De fato, havia um homem na margem pescando um bagre, um tipo de peixe também conhecido como *catfish*.

— Ei, cara! — ele me chamou. — Meu nome é Catfish Sam.

Ele estava de peito nu, com longos cabelos grisalhos presos num rabo de cavalo pendurado até o topo de sua bermuda larga.

— Sim — disse ele, com orgulho, quando meus olhos foram até uma tenda montada numa plataforma de madeira, bem ali nas árvores. — Esta é minha casa.

Eu sabia. Era uma sensação cósmica e ao mesmo tempo cotidiana, como um universo revelando uma magia escondida. Eu sabia que tinha sido minha Suzuki a me trazer até ali, como se aquele instrumento de metal e plástico, de cinco libras, fosse um totem, conectando meu espírito ao poder bruto do destino.

Meu coração batia forte enquanto eu caminhava pela margem. Algo importante iria acontecer, eu sabia, embora não soubesse o quê. Talvez o calor estivesse afetando meu cérebro. Decidi entrar num barco a vapor; procurar por água.

Podia ouvir risadas vindas do bar, mas assim que entrei tudo ficou em silêncio e todas as cabeças se viraram para mim com olhos duros. Limpei a garganta e sorri para todos. Eu estava nervoso.

— Eu… acabei de descer de um ônibus, vindo do Canadá…

Os olhares suavizarem-se e fui acolhido no bar, com risadas amigáveis, por dois cavalheiros que me compraram minha primeira cerveja ilegal, já que eu ainda não tinha 21. O barman era jovem e se

apresentou como Bran. Fui logo pedindo uma baguete de pão francês com camarão, um típico sanduíche pros "poor boys".

— Por favor, um grande *poboy* de camarão!

E continuei dizendo que ia estudar na universidade. Um olhar engraçado surgiu em seu rosto quando confessei que não sabia como encontrá-la. Antes que Bran pudesse responder, fomos interrompidos por uma voz poderosa ecoando do outro lado da sala.

— Eu tenho uma profecia!

Nós nos viramos e olhamos pro orador, horrorizados. Era um velho de longos cabelos brancos e um cavanhaque ao estilo da guerra civil americana. Ele se aproximou de mim enquanto falava, mantendo seu olhar de aço fixo no meu. Tinha algo muito irritante e amedrontador naqueles seus olhos cinzentos, e senti um arrepio. Em volta, silêncio, todos os fregueses esperando o velho continuar.

— Esse jovem que acabou de chegar ao estado da Louisiana… — começou, e alguns até aplaudiram, gostando da apresentação. — Ele encontrará em breve uma garota cajun, de olhos e cabelos castanhos, e tão alta… — Ele levantou a mão. — que vai poder bater no peito dele e dizer: "Rapaz, você é todo meu".

Naquele momento ele me apunhalou no peito com o dedo indicador, para que eu recuasse com desconforto. Fiquei envergonhado, ao mesmo tempo curioso para saber onde aquilo iria parar. Suas palavras finais me arrepiaram até os ossos:

— E depois disso, você não deixará a Louisiana vivo!

Os fregueses aplaudiram, levantando suas bebidas para um brinde. Eu fiquei chocado. Como assim não vou deixar a Louisiana vivo? Isso significa que vou morrer aqui?

— O que é uma garota cajun? — perguntei.

A sala irrompeu numa gargalhada, e a tensão se dissipou. Forcei um sorriso, mas aquela profecia me atingiu. Sou uma pessoa supersticiosa e a partir daquele dia decidi que evitaria todas as meninas cajun que eu encontrasse. Depois de um tempo a angústia passou, graças ao delicioso camarão *poboy* que eu comia.

Ouvi educadamente os dois cavalheiros explicarem a história dos descendentes dos acadianos expulsos do Canadá, que se fixaram na Louisiana, onde mantinham sua cultura, em especial a música popular e a culinária marcada por influências francesas, africanas e caribenhas. Assim, passamos uma agradável tarde juntos, enquanto eu descobria o

povo cajun.

# Bran

A Louisiana State University tinha preparado um programa abrangente de orientação pros novos estudantes internacionais. Eu o perdi completamente. Depois de conversar com o barman Bran por uma ou duas horas, fui convidado para ficar com ele por algumas semanas. Foi aí que meu verdadeiro programa de orientação começou. Nos primeiros quatro dias, fomos a mais de vinte bares e festas estudantis. Ele tinha uma fé inabalável de que meu sotaque britânico seria um ímã pras garotas do sul. Para mim, no entanto, a experiência era embaraçosa, e fui dolorosamente tímido com todas elas.

Bran era diferente de qualquer pessoa que eu conhecia. Representava o verdadeiro homem da Louisiana: rebelde, hedonista, artístico e determinado a sugar a medula da vida. Nossas experiências de vida não poderiam ser mais diferentes — e, como polos de um ímã, nos unimos.

Ele me levou ao meu primeiro juke joint, um tipo de estabelecimento pequeno e informal, com música, dança, jogos e bebidas, comandado sobretudo por afro-americanos. Muitos historiadores apontam os juke joints como responsáveis pelo surgimento do blues.

Fiquei empolgado.

Nesse pequeno estabelecimento uma banda tocava southern rock, um subgênero do rock, que se desenvolveu na Região Sul dos Estados Unidos, com fortes influências do rock, blues e country music. A guitarra elétrica e o vocal se distinguiam.

Foi incrível ouvir aquela música tão maravilhosa. Eu queria mais do que tudo tocar com eles. Mas não podia. Mal conseguia tocar três músicas inteiras na minha pequena Suzuki em Ré… Acabei fazendo algo melhor. Antes que Bran notasse, pulei em cima de uma mesa e

comecei a dançar.

Esse tipo de comportamento não seria tolerado em Norwich (eu seria expulso na hora). Mas aqui é a Louisiana e uma festa explodiu ao meu redor, com pessoas dançando de um lado pro outro. Não havia uma única mesa sem um casal dançando sobre ela, numa espécie de "dança elevada", como a batizei. Bran estava radiante, e me chamou de "gato", o que eu achei bastante estranho. Então algo muito doido aconteceu: o guitarrista veio até mim.

— Você é dançarino?

— Eu… não…

— Deveria ser. — E depois, convicto: — Nós poderíamos usar você como dançarino. — Ele me deu vinte dólares e me pediu para voltar.

Repeti minha "dança elevada" em diferentes locais, e no final da semana me sentia como se tivesse uma nova vocação. Eu não era um dos músicos, mas dançando perto deles eu captava a energia da banda, e as multidões pareciam se alimentar daquela emoção que eu recebia e passava. Além de tudo, eu estava me divertindo horrores!

Encontrei a perfeita harmonia num show do lendário ex-parceiro de James Brown, o Maceo Parker. A música era elétrica, rápida e descolada, e havia quase mil pessoas no show. Dancei com tanta força sobre uma mesa que derrubei uma viga do telhado e tive de ser transportado para fora pela Cruz Vermelha.

Quando terminei o "programa especial de Bran" para estudantes universitários internacionais, eu sabia tudo o que precisava saber sobre a cultura da Louisiana: as pessoas amavam música, os músicos eram tratados como príncipes e jovens e velhos estavam sempre prontos para festejar o que quer que fosse num piscar de olhos. Resumindo, eu estava no céu, eu tinha seguido meu coração e minha gaita, e a Louisiana tinha me correspondido.

Meu único medo persistente era a profecia do velho no cassino. Simplesmente não conseguia esquecer aquilo. Bran estava quase certo do efeito do meu sotaque sobre as mulheres. Comecei a ganhar confiança para dançar com as meninas. No entanto, se alguma tinha olhos e cabelos castanhos, e parecia alta, eu perguntava, antes da dança, e na maior cara de pau: "Desculpe-me, você é cajun?". Se ela dissesse que sim, eu ia pro outro lado da sala. Quando pensei que a vida não poderia estar melhor, conheci Jane.

Estávamos, Bran e eu, num tipo diferente de clube. Tinha uma

banda de Honduras tocando um estilo arrebatador de música que eu nunca tinha ouvido, e muitos casais latino-americanos, no salão, estavam circulando à volta uns dos outros – seus pés pisando e deslizando para dentro num movimento suave. Chamava-se salsa. Naquele momento, para meu fascínio, a semente foi plantada, fazendo com que um dia eu fosse parar na América Latina. E ali estava uma morena muito bonita que parecia conhecer perfeitamente os passos daquela música. Chamei-a para dançar. Ela disse que se chamava Jane.

Durante a dança – quando eu consegui dominar suas mais básicas noções –, ela ficou olhando para mim de uma maneira engraçada, o que fez soar um alarme em algum lugar da minha mente. Depois fomos tomar uma bebida. Verifiquei discretamente a cor dos cabelos e dos os olhos, e também sua provável altura. Isso não é bom, pensei.

— Jane… — eu comecei, olhando-a atentamente. Deus, ela era linda. Seus olhos, da cor do mel escuro, manchado de laranja; as maçãs do rosto, altas; as covinhas, deliciosas; a boca, ah, a boca! Não seja cajun, eu repetia só para mim. Não seja cajun, não seja cajun!

— Desculpe-me, Jane… Você é cajun?

— Não. — A voz dela era tão doce. — Por que você pergunta?

Dei um suspiro de alívio:

— Por nada, nada — e sorri. — Ei, você me mostra esses passos de novo?

Nós dois estávamos assim, sorrindo, enquanto dançávamos pela segunda vez. E pela terceira vez. E pela quarta vez. Estávamos cada vez mais perto um do outro, senti o delicioso calor da sua respiração na minha bochecha. Eu não sabia, mas aquela foi minha primeira introdução ao amor.

Infelizmente, no entanto, Jane tinha sido avisada pelas outras meninas sobre minha estranha aversão às mulheres cajun. E sua família era de Lafayette, o coração pulsante do país cajun. Temendo uma rejeição, ela mentiu. Eu não sabia, mas aquela também foi minha primeira introdução à traição de uma mulher. Quando a quarta dança terminou, já era tarde demais. Eu estava apaixonado. A profecia estava se tornando realidade, e tudo se resumia a um jogo de dados no cassino dos barcos a vapor. Eu deixaria a Louisiana vivo?

## O rei do blues

Quando começaram meus estudos na universidade, em agosto de 1998, eu já pensava na minha volta para New Orleans, pras oportunidades que eu teria de ouvir blues ao vivo. E numa tarde soube pelo rádio que BB King iria tocar no Mississippi, em algum lugar chamado Forest County. Reuni um grupo e organizei uma viagem. Eu veria meu herói tocar!

Mas parecia que não era para ser, porque meus amigos, um por um, deram desculpas e desistiram, incluindo o motorista. Desisti da ideia e tentei me animar indo a outro show de salsa com a música de Honduras. No caminho para casa, por volta da uma da manhã, uma música do BB King, "Three o'clock in the morning blues", começou a tocar no rádio. Eu vi como um sinal.

— Leve-me pra rodoviária — disse para Jane. — Eu vou ver o BB King.

— E a mala? — ela me olhou, sem acreditar.

— Vou de qualquer maneira — insisti.

Saí às 2:30 da manhã no primeiro ônibus para Forest County, Mississippi, com nada além de minha carteira e minha Suzuki no bolso.

Acordei com o grito do motorista:

— Bem-vindos a Forest County!

O ônibus estava inundado pela luz do sol. Olhei sonolento pela janela. Um trecho ininterrupto de pinheiros ladeava os dois lados da estrada, aparentemente até o horizonte.

— Mas não há nada aqui! Quero dizer, é apenas uma floresta! — E olhei pro motorista.

Ele deu uma risadinha e abriu a porta para eu saltar:

— Bem… Eles chamam isso aqui de Forest County, não é? Forest…

Não tive opção senão saltar e assistir ao ônibus se afastando.

Comecei a caminhar. Já estava quente às dez da manhã, e eu suava. Caminhei por mais ou menos uma hora e cheguei à estrada principal.

Como muitas rodovias na América, aquela também não tinha lugar pros pedestres caminharem. Segui rente pelo acostamento. “Bem-vindo a Forest County…” Como confiar em placas e suas boas-vindas? Abaixo de mim, outra estrada, e eu podia ver os carros passarem zunindo.

Um caminhão de dezoito rodas entrou na ponte, na direção oposta, e começou a trovejar em minha direção. Ele vai desviar, certo?, eu pensei, indagando o que vinha pela frente. Ele não só não desviou, como acelerou até a posição onde meu corpo deveria estar. Foi como me salvei, com o único truque em que pude pensar: pendurado (pelos dedos!) do lado de fora da ponte. Olhei para baixo. Os carros passavam correndo embaixo dos meus tênis. Foi então que vi um motorista de táxi. Achei que ele era minha última esperança. Primeiro, gritei algo como “Ei, aqui!”. Depois, xinguei todos os palavrões que vieram à mente. O homem estava desatento ao volante, nem ao menos me notou. Consegui puxar a mim mesmo para cima, de volta ao acostamento, e depois corri o resto do caminho, por pouco não fui atropelado por uma caminhonete.

“Bem-vindo a Forest County!”. As boas-vindas continuavam do outro lado da ponte. E a floresta também. Não era um lugar fácil para se encontrar um show. Mas eu ainda tinha minha Suzuki em Ré, e me entretive tocando trechos enquanto caminhava pelo ar pegajoso da tarde. Depois de mais uma hora, cheguei a um grande barracão de zinco no meio daquela floresta. Eu tinha conseguido. Teria me custado pelo menos oitenta dólares para ver o BB King num show em Nova Orleans. Eles me cobraram quatro dólares e me entregaram uma caixa de asas de frango assadas.

Dentro daquele barracão eu tive um vislumbre de como o blues era tocado antes de se tornar o fenômeno mundial que é hoje. Uma fila atrás da outra, negros americanos elegantemente vestidos e sentados como se assistissem a um concerto de música clássica ou a uma ópera. Eu me juntei a um grupo de malandros na frente do salão, tentando ter uma visão mais próxima do rei do blues. De repente ele estava bem ali, uma presença enorme com uma guitarra brilhante e uma elegância suave e inegavelmente real.

Todo o mundo começou a bater palmas e a se balançar. Eu permaneci paralisado, esperando para ouvir aquelas mãos grandes

apertarem as cordas e fazerem aquele vibrato incrível que ninguém no mundo conseguia fazer. Então começou, e de repente eu estava mais uma vez deitado no chão do meu quarto, em Norwich, revivendo o exato momento em que toda essa aventura começou. E meu rosto, molhado de lágrimas.

Há uma diferença entre assistir a um bom músico e ver uma lenda viva. Sabíamos, todos ali, estar na presença da grandeza em pessoa.

Foi um show magnífico. E somente ao final me ocorreu que eu não tinha onde passar a noite. Meu único pensamento tinha sido chegar ao concerto. E a realidade não era nada gentil: eu estava entre estranhos, sem sequer uma caixa de fósforos, no meio de uma floresta. Então um milagre aconteceu. Uma senhora idosa se aproximou de mim, confundindo-me com seu genro. No constrangimento do erro, aproveitei e pedi uma carona pro motel mais próximo. Ela concordou muito gentilmente.

Quando estávamos saindo, vi uma enorme fila e percebi que BB King estava dando autógrafos. “Eu não posso ir”, disse à minha nova amiga. Dormir no chão da floresta seria um preço pequeno a pagar em troca de um autógrafo assinado pelo rei do blues. Felizmente, minha nova amiga também queria um autógrafo, e nós dois esperamos na fila. Quando cheguei à frente, BB King olhou para mim com um brilho nos olhos, apertou minha mão e, com uma voz suave de tenor, perguntou como eu estava. Abri a boca, mas nenhum som saiu. E simplesmente, com gratidão, peguei aquela foto assinada. A senhora gentil me deixou no único motel que ela conhecia.

Não fiquei impressionado com a escolha dela. Meu quarto simples e sujo se abria pra rua, o papel de parede estava descolando e eu matei quatro baratas no chuveiro. No entanto, o chamado do sono foi poderoso. Coloquei a foto do BB King em cima de um armário, me arrastei para debaixo das cobertas e imediatamente adormeci.

Eu ainda não tinha começado a sonhar quando ouvi passos em algum lugar perto do banheiro. Não estou sozinho no quarto…, pensei. Meu sangue congelou, e fiquei ali, imóvel debaixo dos cobertores, pensando no que fazer. Tentei prestar atenção a todos os sons à volta, e ouvi o ruído de um sapato deslizando suavemente pelo chão. Eu definitivamente não estava sozinho. Tentei imaginar as possíveis razões pra invasão. Os únicos itens no quarto eram minha carteira e um autógrafo recém- -assinado do BB King, e minha carteira estava

escondida debaixo do travesseiro… Tentando vencer o medo, resolvi assustar o intruso. Pulei da cama com um grito. A cena foi um pouco ridícula graças à minha falha em me desembaraçar das roupas de cama tão bem enroladas em mim. Meu grito, com minha cabeça enrolada em lençóis, foi meio estrangulado. No entanto, a manobra funcionou. Libertei minha visão bem a tempo de ver o ladrão fechando a porta atrás de si.

Desisti de qualquer intenção de dormir – aquele lugar não era seguro! Acendi as luzes, me sentei na cama até o sol nascer e depois saí do motel. Na saída, descobri a razão da invasão noturna. Eu estava tão cansado na noite anterior que havia deixado a chave do quarto do lado de fora da porta, e a porta dava pra rua. Qualquer um poderia entrar. E de fato entrou.

# The Big Easy

Eu afinal tinha encontrado o blues, mas como poderia realmente aprender a tocar minha gaita vermelha? Um zelador da universidade me deu a resposta: eu deveria me sentar junto ao rio Mississippi, sozinho, com minha gaita, e deixar o rio me ensinar. Assim fiz. Peguei a Suzuki e fui pro dique. As tardes passaram, eu sentado num tronco de madeira, observando o rio marrom serpenteando, enquanto tocava qualquer coisa que me ocorresse. Certa vez, quando toquei um acorde muito agudo, uma lontra assustada atirou-se na água com tanta força que quase derrubei a gaita. O susto foi mútuo. O dique era um lugar selvagem – terra de ninguém. Mendigos iam e vinham, pessoas eram assassinadas, crianças nasciam já sem mãe nem pai. Mesmo assim eu ficava por ali. Tinha espaço, céu claro e inspiração.

Depois de um tempo fiquei confiante o suficiente para tocar sentado do lado de fora do dormitório de Jane, esperando-a sair. Eu não sabia se era realmente um gaitista, mas não tinha dúvidas de uma coisa: estava apaixonado – apaixonado por Jane e pela música da Louisiana. Havia, é claro, uma questão relacionada à forma como terminava aquela profecia… Porém, quem se importa com "questões" quando se está apaixonado pela primeira vez?

Nós dois gostávamos de sair por Nova Orleans para tentar pegar algum trio de jazz nalgum café de bairro (éramos muito jovens para entrar em clubes, e por isso aprendemos a dançar nas ruas). Como muitos casais apaixonados, não tínhamos dúvidas de que estávamos destinados um ao outro. Acontecesse o que acontecesse, nada iria nos separar. E, como muitos casais apaixonados pela primeira vez, estávamos errados.

Minha pequena Suzuki nos causaria muito mais problemas do que podíamos imaginar. As sementes do desastre estavam plantadas, e a

segunda parte da profecia do velho – eu não deixaria a Louisiana vivo! – estava se aproximando. Logo minha vida estaria, mais uma vez, em perigo.

Foi numa barulhenta festa de jazz no bairro francês, eu com Bran e outros amigos, que minha Suzuki em Ré encontrou seu trágico fim. O melhor de Nova Orleans é ser um museu ao vivo da história da música norte-americana. Naquela noite estava ali uma banda de jazz tocando; os músicos com suspensórios e chapéus redondos, tipo coco; na rua, seus companheiros com calças elegantes e camisas brancas engomadas; as meninas em vestidos curtos, e com tênis para mostrar que estavam trabalhando. Eu via as pessoas trazendo os loucos anos vinte de volta à vida, lançando seus parceiros de cabeça para baixo e deslizando pelas pernas uns dos outros. O entusiasmo era contagioso.

Eu, Bran e os outros caras imediatamente nos juntamos àquilo. Dançamos e dançamos até não podermos mais ficar de pé. Estávamos depois rindo e compartilhando uma garrafa de chá gelado quando uma das minhas parceiras de dança se aproximou. Ela era o que chamamos de uma garota gorda, muito bonita e divertida para dançar. Com a desculpa de que não queria sujar seu vestido, perguntou se podia se sentar no meu colo para descansar.

— Claro — eu disse, sorrindo. — Aqui é The Big Easy!

De repente, passou pela minha cabeça que Jane poderia não gostar e achar até mesmo que eu estava sendo grosseiro ao oferecer meu colo como The Big Easy, como era chamada, em Nova Orleans, a atitude extrovertida e descontraída dos músicos de jazz e dos moradores locais.

Aquela pontada de culpa me distraiu da verdadeira causa do perigo: eu estava com a gaita num dos bolsos da calça… E a garota desabou no meu colo e sobre minha Suzuki, esmagando-a como se fosse um bolo de milho do Alabama. Aquele foi o fim da minha pequena e vermelha Suzuki em Ré.

***

Os dedos se fecham em uma carícia familiar, cantos de metal tocam calos secretos em cada palma, os olhos se fecham, os lábios se separam em torno da madeira e do metal, a ponta da língua mede a distância.

Esses são os preparativos do gaitista. Um estranho sentimento de zumbido, o aperto hermético das mãos, segurando uma brasa, e em seguida respirando vida nela, o chacoalhar na garganta e o tremor do diafragma, a respiração, o compromisso desesperado entre oxigênio e música, a intensidade ardente do som saindo das mãos e em seguida correndo sobre a multidão, um grito de espírito forjado de junco, corpo, mãos e ar. Nenhum sintetizador jamais imitou esse som. Nenhuma máquina jamais conseguirá.

Uma dor corre por um lado das minhas costas, me trazendo de volta ao presente. Estou de joelhos numa trilha na floresta, meus joelhos e mãos provavelmente doem, mas não os sinto por causa da dor nas costas. Por que simplesmente não me deito? Vou retardar a propagação do veneno. O biólogo dentro da minha cabeça está listando os diferentes tipos de veneno: neurotóxico, necrótico, hemotóxico. Isso não ajuda. Com um suspiro de alívio, eu afundo meu peito no chão da floresta. Aquela pequena aranha deve ter esvaziado suas glândulas em mim. E se eu nunca mais me levantar? E se eu ficar paralisado aqui? Limpei os restos da aranha morta, mesmo agarrado firmemente à gaita na minha mão direita. Estou preparado para morrer assim, segurando-a com força. Tenho a noção romântica de que meu corpo pode ser encontrado segurando firmemente uma gaita. Seu tolo! Ninguém nunca vai te encontrar. Você ou a gaita. Não aqui. Levante-se! Levante-se e fique acordado, se puder. Estou paralisado pela indecisão. Uma imensa mariposa azul pega a luz acima de mim, batendo suas asas furta-cor à medida que sobe e cai na minha frente. Mantendo meus olhos fixos na forma requintada, eu lentamente me levanto e fico de pé.

Parte 3

# BIG RIVER EM DÓ

“Eu toco gaita. A única maneira de
tocar é fazer meu carro andar muito
rápido e colocar meu rosto para
fora da janela.”

Steven Wright

# Numa sala de cirurgia

Comprei minha segunda gaita na rua Decatur, em Nova Orleans. Recordando o triste destino da minha primeira, escolhi um modelo maior e mais resistente. Ela se chama Big River em Dó, da Hohner, e tem uma placa frontal reforçada (e por isso poderá suportar qualquer senhora que se sente no meu colo). Custou a fortuna de doze dólares e cinquenta centavos. Com grande medo de perder tamanho investimento, eu a carregava para todos os lugares dentro de uma meia. A insólita inovação me permitiria pegá-la imediatamente no caso de alguma emergência musical – e sempre surgiam. A emergência inaugural foi minha primeira apresentação como gaitista. Foi tão boa que posso dizer, honestamente, que as pessoas quase morreram.

Retornei à Inglaterra por um período para participar de um curso de meteorologia em Cúmbria, que fica no norte da Inglaterra, na fronteira com a Escócia. Nosso grupo de estudantes de ciências ambientais passou uma semana feliz fazendo medições e explorando colinas. No caminho para minha casa, em Norwich, eu (e todos nós) estava no ônibus, exausto, sem outros pensamentos que não jantar e cama. A coisa aconteceu tão rápido que não chegamos sequer a suspeitar que poderia acontecer. Uma mulher estava dirigindo uma caminhonete dois carros à nossa frente, quando o capô do seu veículo destrancou e se abriu, subindo e cobrindo completamente seu campo de visão. Em um pânico cego, ela por instinto pisou no freio. O veículo pesado que vinha atrás, equipado com um sistema de freios a ar pressurizado, parou surpreendentemente rápido. Muito rápido para nós.

Nosso pobre motorista não teve nenhuma chance. Ele xingou e pisou no freio. O que vimos, boquiabertos, foi o contorno maciço de um caminhão, emoldurado contra o céu, crescendo à nossa frente. O que ouvimos? Um som tão alto que meu cérebro nem entendeu. Vidros

quebrados choveram sobre os bancos, e uma onda de caos e náusea lavou de ponta a ponta nosso pequeno ônibus de turismo. Os momentos seguintes foram confusos e irreais, e o que subiu no ar foi um odor de sangue e vômito. Bati a perna na armação do assento à minha frente, e o menino ao meu lado caiu sobre mim, apertando o rosto sobre meu ombro. Um outro, chamado Simon, ficou contra a porta do ônibus, uma mistura de sangue e saliva saindo de um buraco em seu queixo. Atrás de mim, um aluno, o Pete, abriu a boca como se quisesse gritar, mas em vez de som saiu sangue. Abracei o menino ao meu lado.

— Se você vomitar, eu vomito junto — ameacei bem baixinho.

A cada minuto, um carro passava pela curva e se deparava com nosso ônibus bloqueando a pista central. Os motoristas tinham de pensar rápido e desviar bruscamente, para evitar que nos batessem por trás. Foi então que senti algo cavando minha coxa. Era minha Big River em Dó. Não sei o que me fez pegá-la e começar a tocar. Eu não tinha, afinal, mais nada a perder.

Coloquei a gaita na boca e comecei a tocar "Raindrops Keep Falling on my Head", escrita por Hal David e Burt Bacharach, em 1969, pro filme Butch Cassidy and the Sundance Kid, a canção de B. J. Thomas ganhou o Oscar de melhor canção original. Ocorreu-me logo a seguir que esse tiro poderia sair pela culatra. Um atrevimento ao escolher tocá-la, o que talvez convencesse meus amigos de que eu ia ser o primeiro a morrer.

Então, ouvi a adorável voz de uma mulher cantando. Uma garota que eu não conhecia bem, Nicola, sentada na frente, juntou-se a mim. Ela estava pálida como um lençol, embora cantasse as palavras com uma voz linda e clara. E, um a um, todos os passageiros juntaram-se à canção. Não tinha como voltar atrás. Iríamos até o fim.

Cantamos enquanto as sirenes soavam altas pelo para-brisa quebrado e várias ambulâncias paravam ao lado do ônibus. Cantamos quando eles prenderam uma corda de reboque e arrastaram até a beira nosso veículo. Cantamos enquanto as portas se abriam e mãos gentis nos colocaram colares cervicais e ataduras. Alguns continuaram cantando enquanto eram colocados nas macas. Depois de terem removido meu público, um por um, dei-lhes um sorriso orgulhoso e subi na cadeira de rodas que me esperava. No caminho pro hospital, eu estava eufórico. Tecnicamente, era meu primeiro show ao vivo!

No hospital, fomos divididos em dois grupos: os poucos feridos e os com sangramentos graves. Temíamos principalmente por Pete. A quantidade de sangue saindo de sua boca chocou a todos nós, e ele não falou nenhuma palavra com ninguém. Esperamos por notícias. Às pressas, um dos médicos chegou até nós.

— Quem de vocês é o Kenny?

Levantei a mão.

— Kenny, precisamos de você na sala de operações.

Enquanto ele me conduzia pelo corredor, o cirurgião, ao lado, explicou que eles estavam prestes a realizar uma recolocação de emergência da língua de Pete, e sem anestesia. Ele mordera violentamente a língua no acidente e corria o risco de perder a fala para sempre. Nessas circunstâncias, o médico, dando-lhe caneta e papel, perguntou-lhe quem entre nós poderia lhe trazer algum conforto naquele instante. Com a mão firme, Pete escreveu três palavras: Kenny toca gaita.

E foi assim que, no mesmo dia em que experimentei minha primeira apresentação pública como gaitista, também dei meu primeiro bis. Meu novo palco: o cantinho de uma sala de cirurgias. Meu novo público: a equipe médica e meu divulgador, o infeliz Pete. “Raindrops Keep Falling on my Head” nunca soou tão bem em uma gaita, e até o cirurgião sorriu enquanto dava os pontos.

## Jazzista

Minha gata, depois dessa aventura, se tornou uma lenda entre meus companheiros. A Big River em Dó era muito solicitada nas festas. “Ninguém quer realmente ouvir você tocando sua gaita, Ken”, disse meu colega de quarto, me dando um tapinha no ombro. Até meu avô desprezava minha artimanha:

— A propósito, meu neto, você é um péssimo gaitista — disse por telefone. Morreu dois dias depois.

Às vezes, as pessoas que mais nos desencorajam são aquelas que melhor nos conhecem. Por estarem acostumadas com quem somos, tornam-se cegas pro que podemos vir a ser.

Um dia eu estava tocando para Jane na rua, quando uma mão tocou meu ombro. O dono da mão chamava-se Gino e era um guitarrista de jazz profissional. Ele estava no intervalo de um show, e ali parado, discretamente, me escutava.

— Ei, cara — disse. — Você é ótimo! Não quer tocar comigo agora, quando eu voltar pro show?

Quase não entendi:

— De jeito nenhum, cara! — E dei a ele três razões.

A primeira, eu não era um gaitista. A segunda, eu não sabia quase nada sobre música. A terceira… bem, eu nunca cheguei à terceira razão, porque Gino já tinha agarrado meu cotovelo com a força de um fisiculturista e me levava pela entrada dos bastidores, até o palco, onde então pisamos.

— Encontrei esse garoto tocando gaita na rua e quero que vocês ouçam. — E olhou para mim: — Ele não sabe, mas tem muito talento.

Gino, virando-se pra plateia, deu um sorriso diabólico. As pessoas aplaudiram educadamente. Fiquei em pânico, e tentei calcular a distância até a saída. Seria impossível fugir.

— O que devo tocar? — sussurrei para Gino. — Não consigo pensar em nada!

Ele sorriu:

— Basta tocar alguma coisa, qualquer coisa!

Fiquei paralisado. Um longo silêncio ficou ali parado, e eu estava tremendo na frente do microfone, com uma gaita na boca e diante de uma plateia paciente sorrindo para mim. Então escolhi uma nota e a toquei baixinho e suavemente. O público deve ter feito um esforço para me escutar.

Gino tocou um acorde complementar de apoio, e os sons da gaita e do violão se fundiram. Fiquei surpreso. Que truque do céu era aquele? O violão acrescentou dignidade, força e propósito ao meu som, suavizando as bordas ásperas e impulsionando as vibrações para um plano mais alto. Eu me senti encorajado e toquei outra nota, a que parecia disponível.

A mesma coisa. Gino tocou um acorde que me deu um suporte perfeito. Dessa vez, deixei a nota prolongar-se ao máximo e, em seguida, fechei os olhos, e me vi escorregando em êxtase musical. Não sei o que toquei a seguir, mas Gino fez parecer que era música de verdade. Quando olhei para cima, ouvi aplausos altos e um olhar de surpresa nos rostos da plateia. Meu corpo inteiro pulsava com um tipo estranho de energia.

— Obrigado! — eu disse a ele.

E ele me deu um tapinha nas costas.

— Que tal isso? Kenny e sua… hum… gaita mágica! — E virou-se pra plateia: — Ele estará conosco na próxima sexta-feira, aqui no Café do Mo!

Mais aplausos.

E lá estava eu. Na verdade, a cada domingo à tarde, durante um ano, eu ia até a casa de Gino para levantar pesos e estudar jazz.

— O jazz é como a vida — disse ele. — Você precisa seguir a sequência. Quando a sequência muda, a melodia muda. Se você não muda, a música começa a soar ruim.

Comecei a compreender alguns dos princípios da improvisação. Gino era um professor severo e me forçou a alternar entre a melodia e a improvisação, sem deixar de acompanhar a música. Ele me deu o CD do Miles Davis, chamado Kind of Blue, e ordenou que eu o ouvisse todos os dias. Uma noite por semana, me juntei ao trio de jazz como

convidado especial.

Minha timidez musical foi diminuindo e eu comecei a deixar minhas emoções aparecerem na música, como os outros músicos de jazz sempre fazem. Um mundo novo se abriu ao meu redor. Outros músicos começaram a notar minha música e a me dar dicas e conselhos. Um dia, num clube de jazz em Baton Rouge, recebi um grande elogio. Um verdadeiro gaitista de Nova Orleans estava na plateia. E eu, inseguro… Ele apareceu, depois do show, sorrindo para me cumprimentar.

— Bom som, garoto. Há quanto tempo você toca?

Finalmente tinha acontecido. Eu era um verdadeiro gaitista, no melhor lugar do mundo para tocar gaita: a Louisiana.

# Harmonica man

Eu tinha um novo status na vida. Ser reconhecido como músico, embora de menor significância, era um distintivo de honra na Louisiana. Eu era capaz de furar filas em clubes, conseguir mesa em restaurantes e cumprimentar os profissionais incríveis que me cercavam. As mulheres começaram a me apresentar às suas filhas nos clubes de jazz, uma tradição sulista que sempre achei estranha. Também ficou mais difícil, no trabalho, tocar minha Big River em segredo.

Um dia, no campo de golfe onde eu trabalhava aos fins de semana, ela caiu do meu bolso. Acabei no escritório do chefe.

— Bem, bem, bem… — ele começou. — Nós temos um músico aqui!

A partir desse dia, não passava um turno sem que um mensageiro aparecesse para me convocar.

— É o chefe, Kenny. Ele quer você, ou melhor, sua gaita, no buraco 7. Rápido!

Eu mal conseguia realizar meu verdadeiro trabalho. Estava sempre interpretando as músicas de Louis Armstrong pra elite do golfe de Baton Rouge. Meu supervisor carregava uma pistola de verdade em seu carrinho de golfe, mas costumava dizer, com seu característico humor cajun, que eu era mais perigoso, com minha gaita, do que ele, com seu Colt 45. Talvez sim.

Também trabalhei no bar de um restaurante popular, no coração da cidade estudantil. Eles contratavam garotas brancas para ficar na frente da casa e homens negros escondidos na cozinha – eles e eu. Fiquei decepcionado ao descobrir que, pra maioria dos jovens negros americanos, o blues tinha perdido seu apelo. Eles, mesmo assim, ainda apreciavam o som da minha gaita num dia quente. Na verdade,

qualquer entretenimento era bem-vindo, incluindo os palavrões do cozinheiro. Lembro-me de ter entrado furtivamente na sala do freezer numa hora sufocante do almoço e mergulhado meus braços, com prazer, num grande barril de picles frios. Desde então, reluto em pedir meus sanduíches com picles…

O trabalho mais difícil que já fiz foi trabalhar com uma sonda terrestre de perfuração. Trabalhávamos catorze horas por dia, de forma ininterrupta, levantando pesadas brocas de aço pro corte e manejando incessantemente as máquinas. À noite, em nossos macacões, cabelos e rostos cobertos com poeira do concreto, íamos direto para um bar. A gente nem pensava em banho. Dormíamos de macacão. No dia seguinte, acordávamos de madrugada, os homens fumando como chaminés e cuspindo tabaco no ar sujo e gorduroso. Eu precisava fazer algo para tornar essa vida suportável, e então, depois das duas primeiras semanas, ensinei uma das outras equipes a tocar gaita.

Isso nos levou a apresentações noturnas (nós em nossos macacões, cabelos e rostos cobertos com poeira do concreto) nos hotéis onde estávamos hospedados. Resultado: nos tornamos bastantes populares entre os hóspedes e acabei dispensado de minhas tarefas na equipe de perfuração.

Foi Keith, um dos colegas da equipe e que também aprendeu a tocar gaita, que sugeriu que eu entrasse no Campeonato Estadual de Gaitas Rebel State. Aquilo era uma competição instrumental anual, com competidores de todo o estado. Havia uma categoria para tocadores de gaita e outra para tocadores de violino. Acabei me inscrevendo. À medida que se aproximava o grande dia, meu pânico crescia. Havia mais tocadores de gaita no sul da Louisiana do que em qualquer lugar do mundo. Eu seria bom o suficiente?

Fiquei reconfortado pensando que os grandes tocadores de gaita estariam muito ocupados em suas turnês. Na noite anterior, desmontei e limpei minha Big River, mergulhei todas as partes em uísque Jack Daniels e depois, pensando na competição do dia seguinte, bebi o Jack Daniels. Keith me levou até lá, nervoso, de ressaca e tomando café preto numa caneca pintada com o mapa do estado da Louisiana. Quando chegamos, ficou claro que estava faltando algo importante. Os outros tocadores de gaita praticavam com seus acompanhantes, guitarristas e tecladistas. Alguns até tinham trazido bandas completas para apoiá-los na competição, além de um punhado de apoiadores

leais. De minha parte, eu tinha aparecido com um mexicano e uma gaita de doze dólares enfiada numa meia. Um grupo de caipiras trouxe uns cães catahoula, que é um tipo de cão de caça que ainda por cima sabe escalar árvores… Os cães soavam como backing vocals. Os cães, altamente treinados, pareciam responder aos riffs do músico, uivando mais ou menos em sintonia com a música. O padrão de preparação parecia ser muito mais alto do que eu tinha imaginado. Eu tinha de contar com minha boa aparência. Essa esperança se dissolveu quando vi todos os juízes com os olhos vendados.

Eu era o terceiro da lista, e fiquei feliz que os juízes não me viram corando quando tive que procurar minha gaita numa meia.

— Meu nome é Kenny Gilmore, e vou tocar sem acompanhamento — eu disse aos juízes.

Houve um aplauso de boas-vindas, puxado por Keith. Senti como se tivesse escolhido bem, alguns clássicos da gaita de Charlie Musselwhite e Sonny Boy Williamson. Também toquei uma das minhas composições. Foi realmente uma sensação muito boa ter tantas pessoas ouvindo, em silêncio, a uma gaita solitária. Depois de um tempo, a música acabou, a multidão me aplaudiu imensamente e eu me sentei sorrindo.

Assisti aos outros artistas com grande prazer, e senti uma satisfação furtiva quando os backing vocals cães catahoula entraram numa briga no meio de sua apresentação. Depois, todos esperamos apreensivos pelo resultado. Após um período de deliberação, os juízes anunciaram que o primeiro lugar iria para… Kenny Gilmore!

Foi um dos momentos mais gloriosos da minha vida. Quando os outros tocadores de gaita se reuniram para me dar os parabéns, eu sorria tanto que meu rosto doía. Nem tudo, porém, estava bem na multidão. Enquanto eu estava sendo fotografado ao lado do segundo classificado, Keith sussurrou no meu ouvido para pegar o troféu e ir direto pro carro. Escapamos bem a tempo de evitar uma multidão enfurecida de caipiras, liderados por dois grandes cães catahoula.

Mais tarde, fiquei tão impressionado com a celebração organizada pela família do Keith, que derramei fluido de isqueiro sobre minha coxa de frango, em vez de molho de churrasco, e depois comi. Passei alguns momentos revivendo o triunfo da competição e depois vomitei ao lado do seu barco de pesca. Quando finalmente chegamos em casa, coloquei o troféu na minha prateleira e dormi.

Comprei uma bolsa de camurça para guardar a Big River. Eu amava

tanto a pequena gaita, que a levava a todos os lugares comigo, mesmo numa viagem de canoa pelos Grandes Lagos do Canadá. Um fim de tarde, depois de um dia inteiro remando entre as ilhas do Lago Huron, eu deslizei em direção ao meu acampamento, de pé na canoa (eu estava confiante: passei o verão inteiro remando todos os dias). O sol se punha com um brilho incrivelmente vermelho. E eu me distraí com a cena e perdi o equilíbrio e caí para trás sobre o equipamento de pesca. A Big River voou do meu bolso, girou no ar como um pássaro cantarolante e pousou naquelas águas verdes e límpidas. No momento em que eu consegui me arrumar em cima da canoa, ela já tinha sumido, profundamente.

Senti a dor de ter perdido uma verdadeira amiga, mas me consolei com o troféu. Ainda está lá, na minha prateleira, como a lembrança do dia em que participei de um campeonato com uma gaita de doze dólares, guardada numa meia. Participei e ganhei.

***

No meu quarto, à noite, em Norwich, lá estava eu, como um doido, glissando notas, passando bem rápido pelas escalas. Fiquei horas praticando, até que finalmente me vi satisfeito com o resultado. Minha mãe não ficou impressionada, e só disse:

— Rapaz, pare de beijar essa gaita! São garotas que você deve beijar. Não gaitas.

Ela estava certa. E isso me traz de volta à minha situação atual, de estar perdido nos Andes, ou, mais especificamente, perdido neste Ande.

De repente, vejo um par de olhos verdes olhando para mim. Um estranho mamífero está me encarando de uma curva na trilha da floresta. A pele é cinza-azulada e a cauda é longa e reta. Parece um olingo ou um quati, mas não tem a cor certa e é muito pequeno. Estou impressionado com sua beleza. Então, num piscar de olhos, ele se foi.

Parte 4

# MARINE BAND EM LÁ

“Para mim, a gaita é como uma voz.”

Charlie Musselwhite

# A profecia

Comprei uma Marine Band em Lá, numa loja de instrumentos musicais em Baton Rouge. Eu finalmente tinha uma gaita de verdade – o tipo de gaita que algumas lendas do blues tinham tocado pelo menos uma vez na vida. Eu estava emocionado pela beleza da minha compra. A bela gravação na parte de trás do revestimento de metal me mostrou que aquele era meu primeiro modelo profissional. E lá estava eu, feliz – inocentemente feliz –, vivendo na verdadeira terra do blues, até que aconteceu algo ruim, que eu já estava de alguma forma esperando.

As blues jams semanais, às quintas-feiras à noite, eram abertas ao público. Levei minha banda para tocar e convidei Jane e seus pais para assistirem. Foi minha primeira vez na Blues Jam, e fiquei muito animado por conhecer o gerente da Phil Brady's Bar and Grill, o Steve. Esse sentimento, no entanto, não foi mútuo.

— Ah, então você toca gaita? — começou ele, e apontou para uma fila de homens entediados encostados na porta. — Olhe para ali… Deixe-me lhe dizer algo: tenho uma fila de tocadores de gaita esperando para se apresentar. Tantos, que saem pela porta. Metade deles toca desde antes de você nascer. Desculpe-me, garoto. Talvez na próxima semana — e virou as costas.

Eu insisti. Implorei ao homem uma chance, alegando que primeiro eu tinha trazido uma banda; segundo, muitos amigos tinham vindo me assistir. Ele olhou para mim, completamente sem saco, e suspirou:

— Eu vou te dar um minuto. Não! Eu vou te dar trinta segundos para você me convencer e me impressionar. Se não me impressionar, você está fora, ok?

Nos primeiros trinta segundos, toquei tanto que cortei meu lábio. Eles nos deixaram tocar mais duas músicas. Depois, um dos gigantes do blues, um homem que tinha feito turnê com BB King e Bobby Blue

Bland, nos disse que não teria perdido nosso som por nada no mundo.

Seu sobrinho, uma jovem estrela em ascensão, riu e me deu um tapinha nas costas:

— Kenny, não sabemos qual é sua cor, mas com certeza você não é branco.

Vindo de um bluesman negro americano, esse foi um grande elogio. Pelo canto do olho, pude ver os pais de Jane se mexendo desconfortavelmente, e uma estranha frieza pairava nos olhos castanhos de sua mãe. Eles raramente vinham a Baton Rouge, e vi que estavam se sentindo muito desconfortáveis no clube de blues.

Eles esperaram tudo acabar e a levaram para casa. Depois veio o confronto. E a mensagem era muito clara: Kenny tinha que partir.

— Por quê? — ela perguntou.

— Você não vê? Não é isso que queremos pra nossa filha — disse o pai.

— Mas por quê? — ela insistiu na pergunta. — O que há de errado com o Kenny? Eu pensei que vocês tinham gostado dele…

De fato, eu tinha sido bem tratado por toda a família, nossos pais até tinham se conhecido… Era difícil ver a coisa pela perspectiva dos pais de Jane. Eu era o que se chama de um menino de família, era um bem-sucedido acadêmico e não usava drogas. Mas os pais de Jane tinham sido criados com um limitado conjunto de regras, indicativas do velho sul, e aquilo nem eu nem Jane conseguíamos compreender.

E mesmo com tudo isso eles apontaram a maneira como eu tocava gaita, a maneira como eu dançava, os amigos que eu tinha.

— Eu não entendo — disse ela, sem saber para onde a conversa estava indo.

— Você não entende? — disse a mãe. — Ele é negro!

Eu, depois de ter sido criado no coração da África com o grito zombeteiro de “msungu, msungu” (homem branco) zunindo em meus ouvidos, finalmente cheguei ao novo mundo para descobrir que eu era – pelo menos no que dizia respeito à estranha família de Jane – um homem negro.

Jane tentou sensibilizar os pais contando-lhe sobre nosso amor, nossa total intimidade e nossas intenções: um casamento honroso. Sua mãe respondeu a isso pegando minhas fotos emolduradas do quarto da filha e quebrando-as em pedaços no chão da cozinha. Eles então telefonaram para minha própria família e disseram a eles para me

passarem uma mensagem final: eu nunca mais deveria entrar na casa deles. Por fim, deram a Jane um ultimato:

— Ou ele, ou nós

Depois que recebi o inevitável telefonema de Jane, senti uma escuridão em mim. Entrei sozinho na floresta e fiquei lá por um longo tempo. Parecia que a vida nunca mais seria a mesma. E não foi.

É claro que os pais de Jane haviam cometido um grande erro. O que acontece quando se diz a dois jovens que sua cultura e sua etnia os proibiam de ficar juntos? Será que eles nunca tinham lido Romeu e Julieta na escola?

Depois de seis meses separados; eu, na Inglaterra; Jane, na Louisiana, começamos a nos telefonar de novo. Isso nos levou a um novo encontro, às escondidas, no apartamento dela. Essa ilusão de felicidade durou até uma tarde, quando o telefone tocou e eu, sem pensar, automaticamente, atendi. Para azar, era a mãe de Jane. Percebi, pela respiração do outro lado da linha, que tinha cometido um erro grave.

O que eu não sabia era o quão longe a família estendida de Jane estava disposta a ir para acabar com nosso namoro. Um grupo de parentes, todos homens, veio até a cidade, procurando por mim. Dois deles com rifles. Um deles apareceu de surpresa no apartamento de Jane. Eu me escondi debaixo da cama, enquanto ouvia uma absurda troca de ofensas e ameaças a menos de dois metros de mim.

Após ter escapado por pouco, Jane me transferiu pro apartamento de um grande amigo. Ali fiquei, como um bandido fugitivo, por três dias — as palavras da profecia do velho ecoando nos meus ouvidos: “E você nunca deixará a Louisiana vivo”. Até que percebemos que era mais seguro eu mudar de cidade, e fui morar no interior, num lugar chamado Donaldsonville.

# The Good Ole Boys

Donaldsonville era a capital original do estado da Louisiana – uma cidade às margens do rio Mississippi, onde a paisagem suave acabou prejudicada pelas inúmeras empresas petroquímicas que pontilhavam o dique. Mesmo assim, as coisas tinham regredido um pouco quando cheguei lá: uma vida, em todos os sentidos, lenta. Por um golpe de sorte, encontrei um quarto numa antiga casa de fazenda. A bela casa e seus jardins tinham sido herdados por uma aspirante a atriz, cujo sonho era transformá-la numa colônia de artistas. Juntei-me a uma festa amigável de escritores, pintores e atores. Pagava um aluguel mínimo e trazia as sobras do restaurante que ficava à beira do rio, onde eu trabalhava como garçom. Esperava-se também que eu aprendesse e tocasse no meu violão as músicas favoritas de todos os hóspedes – o que fiz com muito prazer.

Uma rotina previsível se estabeleceu: café da manhã sentado na varanda dos fundos; um curto passeio de bicicleta até o trabalho, ao longo do dique do Mississippi; a chegada ao trabalho, um restaurante cajun gourmet, e pequenas variações. Em dias bons, eu trabalhava no turno da hora do almoço. Às quatro eu já estava limpando o lugar. Depois de deixar minha bicicleta em casa, pegava minha caminhonete para dar uma volta pelos campos – procurando meu amigo, o pintor de paisagens. Encontrava-o sentado com seu cavalete sob o sol escaldante, usando um enorme chapéu de palha. Passávamos o resto do dia sentados sob as altas nogueiras, bebendo cerveja e contando um pro outro as histórias mais inacreditáveis que conhecíamos.

Eu gostava do trabalho, e a Louisiana na primavera era tão bonita quanto qualquer lugar do mundo pode ser, com os aromas de madressilva e calêndula flutuando no ar. Às vezes, alugávamos uma canoa e remávamos pelos pântanos, tentando pescar bagres.

Não havia quase nada para fazer nos fins de semana. Nada a fazer, até eu cair num grupo de quatro ou cinco companheiros de cabelos compridos que gostavam de chamar a si mesmos de The Good Ole Boys. Eu já tinha ouvido esse nome, e o fato é que não me sentia muito em casa com eles. Eram divertidos, sim, meio irresponsáveis, mas também me pareciam conservadores e intolerantes, lá a seu modo. E andavam sempre em bando. Charlie, um dos mais malucos entre eles, sugeriu que tentássemos pular no trem que ia pro sul, para Nova Orleans. Não tendo nada melhor para fazer, apertamos a mão e consideramos um ponto de honra tentar a maluquice.

A maluquice de alto risco começou numa noite clara de sexta-feira, quando chegamos ao restaurante Suzy pontualmente às seis da tarde. Tendo feito exatamente a mesma coisa na sexta-feira anterior e na sexta-feira antes da última, não nos demos sequer ao trabalho de pedir alguma coisa. E sorrimos quando a garçonete nos trouxe nosso pedido habitual. Após colocar na mesa os pratos, brincou conosco, chamando cada um pelo nome.

Assim que terminamos, pegamos uma garrafa de Jack Daniels na loja da esquina e caminhamos até o dique para ver o sol se pôr sobre o lamacento Mississippi. E foi aqui que nos desviamos do que sempre fazíamos. Em vez de ficarmos na base mais próxima da beira d'água, permanecemos no ponto mais alto do dique, onde dois trilhos corriam pro sul em direção a Nova Orleans.

Enquanto esperávamos, Charlie explicou as regras do novo jogo. Se o trem viesse muito rápido, deveríamos deixá-lo em paz. Como a estação, no entanto, não estava longe, havia uma boa chance de ele estar desacelerando. Os antigos trens de carga ainda circulavam do porto de Nova Orleans pras cidades ao norte da Louisiana – todos com cana-de-açúcar e arroz. Quando as primeiras estrelas surgiram, ouvimos aquele som metálico vindo dos trilhos. Eram nove e quinze, e o som aproximava-se com a força de um meteoro. Gritando de excitação, o medo e a adrenalina em nossas veias, nos espalhamos e começamos a correr paralelamente aos trilhos, encorajando uns aos outros.

Agora corríamos mais rápido, sentindo os pés chutando as pedras das laterais do dique. Ouvimos um grito de vitória e vimos Charlie pendurado numa barra de metal, como um macaco. O medo desapareceu na hora, como costuma acontecer quando vemos uma

pessoa liderando o caminho. Agarrando escadas, barras laterais, ferrolhos e sulcos – qualquer coisa que nos ajudasse a nos lançar para cima –, balançamos os pés num arco alto para evitar que nossos cadarços se prendessem às rodas, arrastando-nos assim para debaixo delas, o que nos teria transformado em picadinho.

Com o coração na boca, escalamos as laterais e colocamos uma jaqueta como se fosse uma bandeira no cume de metal. Todos tínhamos conseguido, exceto Rob, que segundo Matt, não teve coragem.

Então, olhamos à volta e engasgamos. À nossa esquerda, o Mississippi escuro batia suavemente nas margens, as luzes dos barcos piscando contra um restinho de céu laranja. À nossa direita, os campos macios rolavam no horizonte, margeados por álamos e nogueiras. Acima, aglomerados de estrelas pontilhavam a noite. Abaixo de nós, o trem rugia e estremecia como uma baleia de metal, levando-nos sempre para frente em direção à cidade dos sonhos.

Nunca tentamos chegar à Nova Orleans. Charlie nos disse que havia um túnel à frente e que ele nunca tinha ouvido falar de alguém que tivesse sobrevivido àquele trecho. Perguntamos em que altura. Charlie deu de ombros.

— Ainda está longe. Vamos beber! — E abrimos o Jack Daniels.

Espalhamos nosso ânimo entre nós, passando de mão em mão a gaita, e cada um se revezava para entreter os outros com uma piada (quanto mais suja, melhor), uma história, uma canção. Debaixo de nós, o barulho do trem correndo.

Depois de um tempo, Matt virou-se para Charlie e perguntou:

— Como vamos sair daqui?

Essa parte foi de longe a mais perigosa da noite. O trem estava agora em alta velocidade. O desembarque, digamos assim, precisaria ser feito com extremo cuidado. Charlie nos mostrou como, descendo pra lateral do trem e abaixando-se bem perto do chão. Então, ele olhou à frente, procurando um trecho de grama macia, e quando encontrou saltou. E, como uma bola, ficou para trás, rolando. Então se foi. Agora era nossa vez. Um por um, escolhemos nosso momento de partida, e depois mergulhamos desesperadamente na noite. Optei por rolar de lado, tentando espalhar o impacto sobre meu corpo e poupar meus pulsos. Doeu, sim, mas não muito.

Conseguimos nos reunir junto aos trilhos, saímos pro dique e começamos a longa caminhada para casa. Chegamos cantando, com os

braços em volta dos ombros uns dos outros. Na sexta-feira seguinte, pulamos novamente no mesmo trem (e do mesmo trem), e na seguinte também. Na terceira sexta-feira, o vagão em que eu estava sacudiu com força e me derrubou no espaço entre dois vagões. Meus amigos, em pânico, espiaram para baixo e me viram agarrado firmemente entre as caixas de carga.

— Se os trens também estão pulando, eu desisto! — disse a eles. E nunca mais na vida pulei de trens.

# Highway 61

À noite, eu ainda passava horas conversando com Jane ao telefone, lembrando-lhe que estava procurando uma oportunidade para sair de Donaldsonville e voltar para ela.

A oportunidade surgiu no Natal, na forma de um emprego no governo estadual, trabalhando como cientista. Eu disse adeus aos artistas, aos The Good Ole Boys e às altas nogueiras, e dirigi lentamente de volta à cidade. Por mais estranho que pareça, Jane parecia estar me evitando. Nos primeiros dias, não atendeu aos meus persistentes telefonemas. Nossos amigos em comum pareciam satisfeitos em me ver, mas quando eu perguntava sobre Jane, eles se tornavam esquivos. Finalmente, consegui falar com ela. Eu estava desesperado para vê-la. Fiquei surpreso quando ela disse que queria se encontrar comigo em público.

O encontro não correu bem. Depois de um bom tempo de uma conversa estranha e evasiva, surgiu a verdade: Jane tinha desistido de mim e começado a namorar um dos meus amigos. Agora sim, o estranho comportamento de nosso antigo círculo social fazia sentido. De repente o céu ficou vermelho e a beleza da tarde se tornou insuportável. Até a visão de um casal de passarinhos juntos num galho era um lembrete do que deveria ter sido, mas não foi. Era isso: Jane precisava de um novo namorado, pelo bem de sua família; eu, de alguns novos amigos, pelo bem da minha sanidade. A única boa notícia era que eu deixava de ser o alvo dos parentes malucos de Jane. A má notícia: eu não estava olhando para onde caminhava.

Dizem que o desgosto é bom para um músico, ou pra arte em geral; que inspira a criatividade. Não sei se é verdade, só sei que as pessoas de coração partido raramente caminham em linha reta. Quando ouvi o barulho dos freios, sabia que tinha saído da calçada, dei um pulo e já

estava no ar quando o carro bateu em mim e vi a estrada correndo na minha direção, de cabeça para baixo. Depois, um momento de clareza e também de verdade. Vi uma brecha de luz e fui em direção a ela.

Uma amiga me levou pra casa dela, muito machucado, embora estranhamente intacto. Passei alguns dias dormindo no sofá. Ela me acordava, me abraçava, me perguntava se eu estava bem e me dava de comer. E um dia sugeriu que eu poderia querer ir ao Blues Jam.

Muitas pessoas não entendem o significado do blues. O blues não é uma música triste. Sim, o blues original nasceu numa época de sofrimento, quando o espírito afro-americano teve de responder a esse sofrimento que lhe deu seu caráter. Para mim, no entanto, o blues transforma em música a honestidade, a alegria de viver, a sensualidade, a humanidade e a redenção. Usei-o como uma catarse, focando mais na redenção.

Toda vez que pisava no palco, tentava colocar para fora e para bem longe do meu peito, com minha Marine Band, tudo o que havia acontecido comigo naquele sombrio mês de janeiro. Foi preciso muita intensidade emocional para que isso funcionasse. Comecei a tocar com tanto ardor que meus lábios viviam sangrando.

— Porra, Kenny! — disse Steve, o gerente da Blues Jam, que agora me tratava como um convidado de honra. — Você continua tocando assim e vai estar morto em três anos.

Eu, nem sei por que, gostei de ouvir aquilo.

— Mas nós vamos nos lembrar de você, garoto…

E aquilo me deu gás para continuar.

Acredito que todos temos um quarto em algum lugar do coração, e ali colocamos as coisas que nunca param de doer. Geralmente, há alguém querido perdido nesse quarto e, num canto escuro, um desgosto. O truque é manter a porta fechada a maior parte do tempo. É por isso que temos uma música ou duas que realmente não suportamos ouvir.

Por tocar tantos blues, comecei a apreciar a sutil arte de tocá-los bem. Como um dos músicos da casa me falou um dia, nos bastidores:

— O blues é bem fácil de tocar… de um modo ruim. — E piscou um olho.

Sempre me fascinaram a história e o legado do blues em geral. Comecei a viajar pela lendária Rodovia 61, visitando clubes em Memphis, Jackson e até mesmo Chicago. Eu estava sedento por mais

conhecimento sobre aquela música.

Gastava dinheiro com boa comida e com entradas pros clubes de blues, e economizava em alojamentos, dormindo mesmo na minha caminhonete. Acordava, bebia muito café e rabiscava algumas letras de música em guardanapos. Depois dirigia pra próxima cidade.

Uma coisa estranha aconteceu comigo em Natchez, Mississippi, onde parei para ver o filho de R. L. Burnside, o Duwayne Burnside, tocar com uma banda chamada North Mississippi Allstars. A banda estava mal, porque o gaitista não tinha aparecido. Então, mencionei que eu tinha uma gaita Hohner Marine em Lá comigo, e antes que eu piscasse eles me puxaram para uma rápida audição.

— Ele serve! — disse a cantora. — Está contratado!

Afinal, quem era aquele misterioso gaitista que deu um cano na banda? Eu comi a comida dele, bebi a parte dele de cervejas e estava tocando solos na primeira parte do show, quando vi um homem alto, com um ar ameaçador, me encarando em meio à plateia com um olhar de fúria.

— Vamos ter problemas… — sussurrou a cantora. — É ele…

— O que devo fazer?

— Tem uma porta dos fundos. Suma! Aqui estão seus vinte dólares.

Guardei a Marine e fugi, caindo dentro da noite escura.

# A cura

Um mês depois, eu estava em Memphis, numa competição nacional de compositores de blues. Eu não tinha entrado na competição; perdi a rodada regional pro Tyree Neal, que era filho do Kenny Neal, um famoso artista de blues de Baton Rouge. Fui para apoiá-lo na competição, junto com sua banda. Havia muita excitação no quarto de hotel que compartilhávamos – a banda inteira acampada em diferentes superfícies. Eu dormia numa poltrona. À noite o baterista acordou e percebeu que eu estava movendo os dedos dos pés enquanto dormia. Ele ficou convencido de que eu estava tocando um acorde diferente e despertou os outros:

— Pessoal, o Kenny está tocando jazz enquanto dorme! Vocês precisam ver isso!

Eles colocaram um teclado sob meus pés, instalaram tudo e começaram a tocar junto. De manhã, o baterista me acordou, dizendo:

— Kenny, você é um maldito gênio musical! Depois te conto!

Meu amigo Tyree Neal venceu a competição nacional de composição de blues, e todo o grupo retornou a Baton Rouge em alto astral.

Assim que cheguei à cidade, lá estava eu procurando, de novo, umas blues jams. E fui convidado por outro amigo da escola de música, o TJ Black, para tocar num bar da cidade universitária, um espaço incomum para se tocar blues. Ele tinha um trio que misturava blues com rock e era muito popular entre os alunos da Louisiana State University.

Estávamos no palco, trocando solos, quando entrou um grupo de líderes de torcida. Elas deviam ter saído de um ensaio, pois estavam com uniformes e todo o equipamento – saias curtas, tops e pompons. Sem aviso, algumas invadiram o palco e começaram a dançar provocativamente ao nosso redor, adaptando parte de sua coreografia à música. Respondemos. Intensificamos os riffs e a instrumentação,

sempre com base em seus movimentos.

O clube explodiu! Todos estavam de pé, gritando e batendo palmas. Respondíamos ao desafio das meninas, diminuindo a música em intensidade e ritmo e em seguida levando-a de volta até um clímax. Quando a plateia não aguentava mais, atacamos em solos, sempre nos revezando, e por cinco minutos demos tudo o que podíamos. Quando acabou, os rostos das meninas brilhavam de suor e excitação. Dava para ouvir os gritos a um quarteirão de distância.

A plateia pediu mais uma, mas o guitarrista passou o dedo pelo pescoço num gesto de rendição. Tinha apenas quatro cordas na guitarra e a unha do seu dedo indicador havia desaparecido. Eu estava ainda pior: sangue na boca por ter cortado os dois lábios no meio e um dente lascado. A pior vítima foi minha Marine. De alguma forma, nos últimos minutos, os parafusos afrouxaram e a gaita se desfez em minhas mãos. Esse foi o fim da minha Marine Band em Lá.

Atirei minha camisa encharcada de suor na traseira da caminhonete e ela grudou no metal como se fosse um invertebrado marinho. Entrei, liguei o ar condicionado no máximo e me olhei no espelho. Estremeci com o estrago no meu rosto. Coloquei a gaita quebrada no banco e dirigi até uma farmácia. Mesmo com meus lábios naquele estado, eu não conseguia parar de sorrir. Tinha valido a pena, sim. E meu coração? Finalmente curado.

***

No momento em que chego à linha das árvores, percebo meu erro, o horror numa única palavra, que sussurro para mim mesmo quando a cantil vazio bate contra minha perna. Água. Fico ali me xingando de tolo, cego pelo sol batendo nas rochas. Samambaias crescem ao redor das pedras, a única vegetação visível. Para sobreviver à minha picada de aranha, eu tinha violado uma regra fundamental: a garrafa de água vazia é prova. Tenho experiência suficiente em montanhismo para saber a gravidade da situação. Vai ser difícil encontrar água nos picos altos, e sem água não escaparei.

Minhas costas doem e sinto uma infecção (putrefação?) na pele da minha nádega esquerda. Não olho, prefiro não saber. Foi preciso muita

força de vontade para chegar até aqui. Três dias desde que vi uma alma humana. Quatro horas antes de eu escapar pra estrada do outro lado. Duas horas antes da minha situação se tornar crítica. Pela primeira vez, estou com medo. Mais: pânico. Fico onde estou. Não quero que nada disso seja real.

Fecho os olhos, e na minha imaginação estou de volta ao sul, e o palco é Jackson, Mississippi, ou Natchez, ou até Baton Rouge. Sou um garoto perdido, com o coração partido, tocando minha história para toda a sala. Choro, e a única palavra que me vem é “Jane”. A gaita uiva de raiva e gotas de sangue brotam dos meus lábios. Os casais entrelaçados nesses blues joint não esperam nada menos do que isso. E continuam com seus corpos colados naquele ritmo delicioso.

Parte 5

# A HOHNER BLUES HARP COLLECTION

“Eu estava sempre brincando com a
gaita... mas só com 13 anos consegui
tirar um som muito bom dela.”

Muddy Waters

## Red Stick Ramblers

No verão de 2000, saí de um show de música em Nova York com um item que mudaria minha vida para sempre: um conjunto completo de gaitas chamado Hohner Blues Harp Collection. Não seria mais a maravilha de uma gaita. Até encontrei um cinto com pequenos bolsos para guardá-las e andava com elas presas à cintura, sentindo-me como um perigoso bandoleiro. O cinturão com as gaitas acionou (claro!) todos os alarmes de segurança do aeroporto JFK, no caminho de volta para Louisiana. Depois que toquei pros funcionários da segurança, mesmo esses trabalhadores, normalmente tão austeros, acabaram sorrindo.

— Um homem-gaita! — um deles gritou, brincando.

— Antes assim! — gritou outro. E todos riram.

Gostei daquilo, e decidi seguir com a brincadeira:

— Cuidado, Louisiana! Cuidado com o homem-gaita!

Na primeira chance que tive, saí numa sexta à noite usando um chapéu Fedora azul e o cinto de gaitas. Eu estava pronto para tocar com todo o mundo e com qualquer pessoa, aonde quer que a noite me levasse. Passava por uma rua que eles chamavam de West Chimes, tocando gaita e caminhando, quando ouvi uma voz gritando acima de mim.

— Ei! Ei!

Olhei para cima e vi uma cabeça saindo de uma janela.

— Ei! Ei! — Uma mão apontou para uma escada.

Subi. A cabeça era de um jovem chamado Joel Savoy, cuja família pertencia à realeza musical cajun. E me vi entrando numa sala com jovens vestidos com roupas de outra época, suspensórios e gravata de laço à Mississippi, e com instrumentos acústicos. Me apresentei a todos. Joel tocava violino, e ao seu redor estavam um baixista, um guitarrista,

um cantor e um baterista, sentados na cozinha. Reparei que ele não tinha uma bateria tradicional; batia em panelas, frigideiras e xícaras de metal.

— Então, Kenny, vamos tocar? — E começaram todos uma fusão louca de jazz cigano e música cajun.

Eram chamados de Red Stick Ramblers, e seus shows estavam entre os mais bem-sucedidos da cidade; uma combinação de música tradicional com a paixão da juventude, um atrativo pros fãs.

Eu fiquei pra jam, toquei três ou quatro músicas. Joel me encorajava:

— Comporte-se agora, Ken! — ele gracejou ao microfone.

Fiquei ali, entre eles, por um ano, levando meus pertences pro apartamento de Joel. Sob o mesmo teto que os Ramblers, aprendi que as noites devem ser uma combinação perfeita de boa comida, improvisação musical e dança desenfreada.

Havia sempre um círculo de cadeiras ao centro pros músicos. Os lugares se revezavam com as vozes principais, e a música nunca parava, numa troca incessante de pessoas entre as cadeiras e a cozinha. Ali os cajun quebravam o estereótipo de que homens são incompetentes na cozinha. Um dos Ramblers podia estar cortando alho num momento e tocando banjo no seguinte, com o mesmo orgulho e a mesma expressividade. Ao redor dos músicos, quase sempre, casais dançando.

Em muitas festas entre os cajun, nos pântanos de Achafalaya, notei que, embora os casais jovens dançassem com mais energia, ao final eram os mais velhos que de fato dominavam a pista de dança. Eles se inspiravam, afinal, em décadas de experiência, vivendo com plenitude o convite cajun: “Laissez les bons temps rouler”. Ou simplesmente: “Vamos nos divertir!”. Viver com os Red Stick Ramblers me ensinou essa filosofia de vida.

Os dias seguiam uma rotina básica. As manhãs: lentas, sem ninguém de fato se mexendo no apartamento de Baton Rouge. Muitas vezes, vários músicos e convidados dormindo em diferentes lugares da casa. E eu em geral me arrastando em busca de café e hash browns. O almoço era preparado com agitação dos instrumentos e os músicos se afinando. As tardes, reservadas pra prática intensiva. Após cerca de quatro horas de ensaio, a equipe estava suficientemente aquecida para um show (e o público nunca sabia o que os tinha atingido).

No final das apresentações, a noite não acabava. E o cantor

anunciava a localização do pós-festa, geralmente numa grande casa vermelha onde alguns dos Ramblers viviam. E a música, ali, recomeçava. Só que agora com mais músicos amadores do que profissionais, pois os profissionais saboreavam uma bem merecida cerveja. A festa continuaria até que ninguém fosse mais capaz de tocar. A maioria iria embora, e o sono espalharia suas asas sobre todos. No dia seguinte, o ciclo recomeçaria; a rotina básica; as manhãs: de novo lentas…

Aquele apartamento na rua Chimes era o lugar mais musical em que eu já tinha morado. Se você abrisse qualquer armário, banjos e bandolins cairiam. Até quatro bandas diferentes praticavam, rotineiramente, na sala principal. Parecia também que metade da rua Chimes tinha a chave do apartamento, com o efeito infeliz de que dezenas apareciam para entrar na festa do pós-festa, mesmo sem terem sido convidados.

# Mardi Gras

A aliança com essa banda cajun até a medula me levou ao show mais longo da minha vida: a parada do Mardi Gras. Eu já tinha ido a Nova Orleans pro famoso Mardi Gras, um dos mais famosos Carnavais do mundo, a terça-feira gorda daquele povo, todo ele com máscaras de gesso, colares de conchas e paradas com bandinhas. Posso resumir assim: muita gente, fazendo o que quer. Mas eu não tinha ideia do que esperar de um Mardi Gras cajun, que acontecia naquele lugar exuberante e cheio de vida selvagem, bem no delta do Mississipi, conhecido como Bayou Country. A coisa quente era ali, e não em Nova Orleans.

Logo descobri que esse evento musical (muito mais que um evento musical, aliás) não era para covardes e fracos de coração. O dia começava às seis da manhã. Éramos convocados para assistir a vários homens vestidos como cavaleiros reais franceses na corte do Rei Luís XI, saudando uns aos outros e cada um tomando duas doses de uma bebida forte. Assim, energizados, os cavaleiros subiam em cavalos fabulosamente enfeitados e saíam pela estrada, num redemoinho de capas. À frente, Le Capitan, o chefe que devia liderar a procissão.

Nos dirigimos aos nossos lugares, logo atrás deles, num carro alegórico de madeira, equipado com um sistema de som alimentado por gerador. Parecia um pouco cedo para se tocar música. Um homem de rosto alegre, o responsável pela parada, nos deixou em dúvida quanto às suas expectativas pros Ramblers.

— Toquem e continuem tocando! Vocês continuam tocando, e eu continuo dando cerveja! Vocês param de tocar, eu paro com a cerveja! — gritava o homem alegre.

Ele então jogou uma caixa da Budweiser pro lado, para demonstrar seu argumento. Hesitamos e hesitamos, e depois cada um de nós abriu

uma lata. Começamos o som.

Até aquele momento, a sessão de música mais longa e contínua que eu conhecia durou cerca de três horas. Estava além da minha imaginação pensar em tocar sem parar a manhã toda, sem falar em beber cerveja a manhã toda… Tentei relaxar quando começamos a melodia da música tema do Mardi Gras (que na noite anterior tentei aprender na gaita). E lá fomos por uma estrada rural, já cheia de pessoas aplaudindo. O formato do desfile estava enraizado nas mais profundas tradições do povo cajun.

Cada vez que nos aproximávamos de uma fazenda, repetíamos o seguinte ritual. Le Capitan, ou o chefe dos cavaleiros, pede ao fazendeiro, em francês cajun, uma galinha pro banquete. “Claro…”, diz o fazendeiro, “mas você precisa pegá-la primeiro!”. Então, o fazendeiro joga a galinha no campo. Numa corrida perigosa de cavalos furiosos e cavaleiros bêbados, a equipe tentava pegá-la, correndo em alta velocidade atrás da pobre criatura.

Se você já tentou pegar, a pé, uma galinha frenética num espaço pequeno, pode imaginar o enorme desafio enfrentado pelos cavaleiros. Ainda hoje me parece um milagre não ter ocorrido um acidente grave.

Enquanto a corrida rolava, era nosso trabalho manter a música rolando. As infelizes aves, é claro, acabavam capturadas, e com um grito de triunfo e o toque de uma trompa, os cavaleiros lideravam a procissão até a próxima fazenda. E tudo se repetia.

Ao lado dos célebres Capitans estavam os queridinhos do povo, e muitos se agarravam ao carro alegórico conosco, cantando com entusiasmo. Senhoras com cílios artificialmente alongados e maquiagem prateada apareciam e desapareciam, jogando beijos para nós para nos dar mais motivação. Homens em roupas brilhantes, púrpura e ouro, nos batiam nas costas ou colocavam um braço sobre nossos ombros, enquanto tocávamos. Foi esse reconhecimento, e não a cerveja, que nos manteve tocando enquanto o desfile prosseguia. Atrás de nós, na estrada, uma grande variedade de transportes foi usada para nos acompanhar: carrinhos, bicicletas, pôneis, pula-pulas e até um porco com uma sela nos seguia para todo lado.

Os quilômetros rolavam sob as rodas do carro, as músicas subiam do carro alegórico, o amor da multidão e a trompa dos Les Capitans continuavam como se estivéssemos num sonho. Começamos então a tocar de forma econômica, cada um fazendo som suficiente apenas para

manter as músicas rolando.

De repente, com um trovão, começou a chover sobre nosso carro desprotegido. Quase imediatamente, as pessoas subiram para se juntar a nós. Eu tinha medo de um incêndio elétrico. Teríamos que parar. Olhando para cima do meu microfone, vi uma parede contínua de corpos se inclinando sobre nós com os braços estendidos, como se quisessem nos alcançar. Com suas costas e seus braços contra a chuva, esse guarda-chuva humano nos manteve secos e ainda cantando. Até que a tempestade explodiu.

Não tínhamos mais certeza de quem éramos, ou de quem estava tocando o quê, ou de quantas cordas ainda restavam em nossos instrumentos. Ninguém tinha mais de quatro, isso era certo. Houve um solavanco, paramos e fomos deixados num campo, sozinhos. Nosso trabalho tinha acabado. A multidão foi para casa, trocar de roupa, a fim de estar pronta pro banquete gigante que começaria, assim que as galinhas fossem abatidas e preparadas dentro de um delicioso gumbo, um prato da culinária cajun, que não passa de uma sopa bem grossa, com vários tipos de carne ou mariscos. Durante quanto tempo tocamos? Eu queria saber… O baixista checou o relógio e me disse que tínhamos tocado por dez horas. Dez horas tocando… Algo inconcebível!

Músicos chapados é como chamo aquele estado de emoção após uma boa apresentação. Depois disso é impossível dormir. Como voltar à realidade depois de dez horas tocando no desfile de Mardi Gras? O acordeonista cometeu o erro de descer primeiro.

— Ele é um frangote! Você tem que pegá-lo pro banquete! — alguém gritou.

Uma vez fora do carro alegórico, aproveitamos para perseguir o acordeonista pelo campo, como numa cena de um romance de William Golding. Quando o encurralamos, rasgamos sua camisa em pedaços, e todos saíram segurando uma tira de pano. De repente estávamos mais calmos. Foi uma catarse.

# 11 de setembro

Minha vida com os Red Stick Ramblers chegou ao fim com uma tragédia que abalou o mundo. Na manhã de 11 de setembro de 2001 no apartamento da rua West Chimes, toda a banda estava dormindo sob os efeitos de um belo show. E de repente a cantora estava nos sacudindo e apontando pra TV. Assistimos horrorizados ao desmoronamento das torres gêmeas, em Nova York. A inocência, de uma tacada, foi retirada do meu mundo, para nunca mais voltar.

De todas as bandas que tinham shows agendados na noite de 11 de setembro, estávamos entre as que decidiram não cancelar.

Antes de o show começar, conversamos com a plateia de uma maneira musical, sim, mas diferente. Nada dos bons tempos. Desta vez, estávamos tocando pelo desafio; tocando como uma homenagem pelo o que tinha sido perdido e pelos que tinham morrido; tocando pelo orgulho de uma tradição musical livre. Seria preciso mais do que tudo aquilo para quebrar o espírito da América.

O que se seguiu foi o show mais estranho onde já toquei, pois entre as músicas ninguém aplaudia. A multidão ficou em silêncio, e muitos chorando. Participamos de vários shows, onde as bandas locais tocavam de graça, para arrecadar dinheiro pros bombeiros e hospitais de Nova York. Todo o mundo temia um novo ataque. Na Louisiana, eram as instalações petroquímicas que pareciam as mais vulneráveis. Uma noite, enquanto tomava banho, ouvi as sirenes da enorme fábrica química Exxon Mobil. Corri pela casa com uma toalha ridiculamente pequena, procurando o lugar mais seguro para me esconder. Não havia sido nada, mas o clima estava tenso e incerto, e a paranoia seguia por todo lado.

***

Quando o verão de 2002 chegou, senti que precisava deixar a América por um tempo. Fui pra Europa, levando comigo o cinturão e minhas Hohner Blues. Viajava com a intenção de participar de uma festa de casamento de um amigo. No entanto, minha tia francesa, de Bordeaux, me convenceu a abandonar meus planos de férias e percorrer o Caminho de Santiago. Ela disse que seria bom para mim. Então, num impulso imprudente e romântico, direcionei meus planos para esse objetivo.

Com um amigo peguei emprestadas roupas leves. Coloquei algumas poucas numa mochila. Em meus pés, os tênis de corrida, o que provou ser um terrível erro. Na cintura, o cinturão com as gaitas Hohner Blues. Mesmo com toda a experiência com as longas caminhadas da minha infância pela África, um peregrino pior preparado do que eu teria sido difícil de encontrar naquele momento. Devia ser a carga religiosa.

Cheio do espírito da aventura e da tola loucura da juventude, parti de Pamplona, caminhando na direção errada. Foi somente quando vi o sol se pôr atrás de mim, a oeste, que percebi meus progressos significativos em voltar pra França. Sentei-me num banco por um tempo, com a cabeça nas mãos, me sentindo um tolo, até que um velho saiu de uma casa e passou o braço em volta do meu ombro.

— Tranquilo, no es tan malo, amigo!

— Não é tão ruim?! — E fiz uma cara de perdido: — É, sim…

O homem, extremamente amável, continuou me encorajando, até que dei um pulo, um bom abraço nele e voltei pelo caminho pelo qual tinha vindo. Ele acenou sorrindo, e pensei que talvez eu não fosse o primeiro peregrino (nem seria o último) a passar por aquilo.

Meu segundo erro foi tentar percorrer os 840 km em tempo recorde. Cobri distâncias absurdas nos primeiros quatro dias – até quarenta e cinco, quarenta e oito quilômetros. Então a realidade veio: no quinto dia acordei com o que parecia ser reumatismo precoce.

Dizem que todos começam a percorrer o Camino como caminhantes e depois de um tempo é que se tornam peregrinos. Bem, eu comecei como um caminhante, sim, depois apenas me imaginei como um peregrino, e ao fim me vi em ruínas. Não sei por que razão também decidi não tocar gaita durante toda a travessia – ou seja: eu carregava

toda minha coleção de gaitas Hohner Blues nos ombros, como um bandoleiro, e ao mesmo tempo decidi não tocá-las. Além disso, bebi álcool e ainda cometi outros pecados menores. No entanto, eu não contava com a sutil influência corrupta do sacerdócio espanhol.

Eu tinha acabado de atravessar algumas montanhas, onde as casas davam lugar a cumes áridos e charnecas. Esta foi uma fase faminta da jornada, onde não comi e não bebi nada, exceto a água do córrego e a erva-doce selvagem que crescia ao longo do caminho. Com base num truque que aprendi na África, eu bebia uma xícara de Chá de Desejo à noite. O que é isso? Deve-se ferver água pura, fechar os olhos e desejar estar bebendo a infusão dos seus sonhos. No meu caso, escolhi um chá Earl Grey orgânico de folhas com leite. Quanto mais eu imaginava o Earl Grey, mais intensamente a água do córrego fervia com sabor de chá hortelã-pimenta da Tesco. Por cinco anos eu não beberia chá de hortelã-pimenta.

No dia seguinte, entrei mancando numa aldeia para ser recebido por um padre parado na estrada, que mais parecia um urso gigantesco, acenando-me, com seus braços fortes, para entrar em sua igreja. Para minha surpresa, o local estava cheio. Alinhados ao longo de duas longas mesas e bancos de madeira, cerca de quarenta peregrinos sorriam e brincavam perto de um delicioso ensopado quente! Eu estava faminto. O amigável padre voltou com uma tigela de ensopado e a colocou bem na minha frente, junto com um copo de vinho, convidando-me a brindar à minha saúde. Hesitei. Eu não tinha desistido do álcool pelo caminho?, lembrei-me com culpa. Depois tirei tudo isso da minha mente. A comida continuava chegando, e o vinho continuava vindo junto com ela. Assim que os peregrinos saciaram sua fome, o padre, que de fato parecia um urso, deu um tapa nas costas de cada um e orou por nossas almas. Então, perguntou sobre minhas gaitas e pegou um violão pendurado na parede da igreja. O grande urso tocava violão!

A noite terminou comigo tocando um blues lento de doze compassos na minha gaita Hohner, enquanto o incrível padre me acompanhava habilmente no violão. Seus dedos carnudos mandavam bem no blues, e todos os peregrinos batiam palmas com entusiasmo.

O padre sorriu satisfeito e me prendeu num abraço de urso antes de me carregar como uma criança feliz para um canto tranquilo da sala, ao lado de outros peregrinos que já estavam roncando alto. Sorrindo

alegremente, recheado pelo ensopado de carne e pelo vinho, tendo quebrado todos meus votos de peregrinação, dormi como a tal criança feliz.

Depois de mais nove dias no Caminho de Santiago, acordei uma manhã e vi que parte dos meus pés estava coberta de bolhas e a dor nos calcanhares era absurda. Soube que minha caminhada tinha terminado ali. Eu me sentia exausto e meio aleijado, e também quase sem euros. Precisava trocar dinheiro e arranjar um transporte para Londres. Sempre a pé, e a duras penas, quase cheguei ao Aeroporto Internacional de Bilbao, onde poderia enfim me organizar, mas uma longa e estreita ponte, sem uma passarela para pedestres, bloqueou meu caminho. Além disso, os lados do vale eram íngremes e perigosos, pois havia um rio de fluxo rápido bem abaixo.

Para minha sorte, surgiu um ônibus. Para meu azar, o motorista se recusou a me levar e zombou da minha cara porque eu quis pagar em libras esterlinas — o que era duas vezes o preço da passagem. Implorei muito, enquanto ele balançava a cabeça, fechando as portas. Antipático e burro.

— Espere! — gritou de repente um homem pálido e com uns olhos azuis meio assustadores.

O ônibus parou e o homem colocou quatro euros na mão do motorista.

— Eu pago por ele. — E apontou para mim, ainda do lado de fora.

O motorista encolheu os ombros e abriu as portas.

— Não, não! — disse o homem. — Agora você espera um pouco. Vou fumar lá fora com o garoto.

Ele desceu, olhou para mim, se apresentou como Nicolas da Rússia e me ofereceu um cigarro. Eu nunca tinha fumado e também não gostava do cheiro do cigarro, mas, como gesto de agradecimento, aceitei. O motorista esperou a contragosto. E nós fumamos e conversamos, enquanto os demais passageiros aproveitaram para esticar as pernas. Fiz o melhor que pude com o cigarro. Após poucos minutos, o cigarro ainda pela metade, tivemos que voltar ao ônibus. Fiquei aliviado em seguir pro aeroporto.

Cheguei achando que meus problemas tinham acabado, engano meu. Eles estavam apenas começando. A casa de câmbio estava fechada, a máquina de trocar dinheiro estava quebrada e o homem que poderia consertá-la estava de férias — em Londres. Passei o resto do dia

de estômago vazio e à noite mancava desesperado pelo terminal do aeroporto, segurando um cigarro fumado pela metade. Então, vi um balcão de informações com várias jovens espanholas acendendo cigarros (dentro do aeroporto!). Vi ali a chance de conseguir ajuda.

Acenando com o cigarro, me aproximei pedindo um isqueiro — querendo, na verdade, dinheiro ou no mínimo um sanduíche. Depois de alguma conversinha, as jovens me convidaram para ficar com elas durante o intervalo. Minha sorte estava mudando, pensei. Mas não. Tentei narrar minhas aventuras até chegar à falta de grana e à fome, mas meu "excelente" espanhol impediu qualquer sucesso. E aceitei o copo de vinho tinto que me ofereceram.

Com o estômago vazio, acabou sendo uma péssima ideia. Era estranho: toda vez que eu tentava pedir ajuda, elas achavam que eu não tinha bebido vinho o suficiente. Ninguém vai me oferecer nada além de vinho? Eu já estava bêbado quando me levantei disposto a escapar dali. Então uma delas notou meu cinto com as gaitas.

Vinte minutos depois estávamos no escritório de controle do aeroporto. Elas me levaram para conhecer o chefe delas, que ficou encantado com minha música. Fez um sinal para eu me sentar à mesa de controle, em frente a um grande microfone prateado, e por meia hora os clientes do aeroporto foram tratados com uma performance de jazz na gaita, executada por um peregrino avariado, bêbado e faminto. Todos estavam em êxtase, exceto eu, quase no ponto de um colapso. Depois me levaram para fora e me depositaram, com abraços e beijos, nos degraus da entrada. Eu teria dado qualquer coisa por um sanduíche, mas me contentei com um banco. Fui acordado à noite por um policial, batendo no meu pé.

— Amigo — eu disse, abandonando qualquer tentativa de falar espanhol. — Foi um dia muito longo…

— Amigo — ele disse. — Neste banco, não. Basta ir pro próximo banco.

Fui. E ele me deixou dormir ali até o amanhecer, quando a casa de câmbio abriu e a vida recomeçou com três sanduíches de café da manhã.

# BBC 4

Naquele verão, fui assistir ao festival de música na Inglaterra, e vários peregrinos me reconheceram, lembrando-se da minha apresentação com o padre espanhol que parecia um urso gigante. Eu estava na multidão, com alguns amigos, esperando pelo famoso trovador Vusi Mahlasela, da África do Sul, quando de repente houve uma falha de energia no palco, que comprometeu a iluminação. Milhares de pessoas murmuraram aborrecidas, e uma voz da rádio BBC 4 gritou lá do palco, pedindo muitas desculpas.

— Toca pra gente, Kenny! — um de meus amigos pediu, e todos se animaram.

Então, tirei uma gaita do bolso e comecei. Eu tinha vindo preparado pro festival e estava com um CD demo na manga, com uma gravação da minha música, no caso improvável de conseguir fazer uma conexão musical. Depois de alguns minutos, meus amigos aplaudiram, e ainda ficamos surpresos vendo outras pessoas, ao nosso redor, também aplaudindo e pedindo mais. Toquei mais.

A onda do som da minha gaita se espalhou pela multidão, e um círculo maior de pessoas entediadas começou a prestar atenção à nova distração. De repente, senti uma mão no meu ombro: era do homem da rádio BBC 4.

— Levante-se! — disse ele.

Energia restabelecida, ele me levou até o palco, e no caminho perguntou meu nome. Colocando as mãos em concha ao redor do alto-falante, anunciou com uma voz estrondosa:

— Senhoras e senhores, esta noite nosso entretenimento antes do show principal: Kenny Gilmore na gaita!

Fiquei tenso. Como entreter cerca de mil pessoas, sem banda de apoio, sem sistema de som e com apenas uma gaita? A resposta? Dei

tudo o que eu podia dar. Nesse tipo de situação, ou você ganha ou você perde.

Tocando e dançando ao mesmo tempo, apresentei a abertura de "Sweet Home Chicago", com acordes pesados em dó, até que a multidão começou a cantar e bater palmas. Não era para menos. A canção, gravada por Robert Johnson, em 1936, virou o hino popular de Chicago, tocado por vários artistas e de diferentes formas. Aquecido com o entusiasmo, gritei que selecionaria alguém da plateia para dançar no palco. Apontei aleatoriamente para uma alma na fila da frente, e percebi tarde demais que, por improbabilidade, eu tinha escolhido um cavalheiro de muletas. Mesmo assim e carregado por inúmeras mãos anônimas, o sujeito foi colocado no palco, e ele tinha apenas uma perna.

Para minha sorte e o deleite da plateia, ele parecia ser capaz de dançar melhor usando uma única perna, fazendo melhor ainda do que uma pessoa com duas. Nos minutos seguintes as coisas começaram a ficar um pouco fora de controle, com gente subindo e descendo do palco, e algumas pessoas arrumando confusão mais ao fundo. Foi um alívio quando a equipe da BBC 4 restaurou a ordem. Saí do palco em meio a aplausos estrondosos e longos.

Antes de pular pro chão, o DJ me segurou.

— Você tem um CD demo, meu jovem?

Eu sorri.

— Se você tiver um aí, prometo que coloco no ar esta noite, pela rádio BBC 4, para toda a nação! Que tal?

Era uma oportunidade realmente extraordinária. Mas não era mesmo para ser… Levei a mão ao bolso e só encontrei pedaços – e esfarelados. Arrependimento por ter dançado com meu CD demo no bolso: aquilo deve ter sido cômico em meu rosto. Minhas chances de uma recompensa gloriosa por toda aquela experiência no palco foram por água abaixo.

Além disso, aquele meu hábito de fazer entradas não planejadas, súbitas e indisciplinadas em muitos palcos da vida levou à perda de toda minha Hohner Blues Harp Collection. E tudo isso sem falar na minha saída mais dramática de uma festa.

A cena aconteceu num festival não oficial de Mardi Gras, em Baton Rouge. Um grupo de estudantes que dividia uma casa com um grande jardim montou um plano ambicioso pro dia de Mardi Gras. Escreveram

para todas as boas bandas que tocavam em festivais e eventos no sul e imploraram para que passassem pelo grande jardim da casa e tocassem algumas músicas – de graça, claro. E, para surpresa de todos, algumas de fato fizeram isso. O resultado: tivemos um festival de música naquele jardim, no dia de Mardi Gras. Querendo maximizar o espaço pras pessoas, os estudantes construíram um palco caseiro numa das extremidades. Logo atrás do palco, havia uma rua bem movimentada.

O jardim estava lotado, e cada banda era recebida com um entusiasmo sempre renovado, para mostrar a gratidão pelo gesto tão generoso. A maioria tocou apenas uma ou duas músicas, pois estavam tocando de graça e precisavam se apresentar onde seriam realmente remuneradas. Lá pelas tantas ficamos sem bandas, o palco, vazio, e um silêncio terrível sobre a festa. Como encerrar uma reunião tão feliz e com pessoas tão felizes?

— Queremos mais! — O grito foi aumentando numa cadência tribal, e nós, músicos, começamos a nos sentir bastante pressionados pela multidão.

De repente, três rapazes cajun correram em direção ao palco. Eu os segui, puxando a gaita do cinto. Já lá em cima, a gente se reuniu numa espécie de conferência. Escutamos todo aquele povo começar a aplaudir cada vez mais rápido e forte. E nos demos conta de que poderíamos tocar qualquer coisa, pois todos nos receberiam com muita alegria.

— Ok — começou um rapaz que parecia ser o líder dos três. — O que nós temos aqui?

Alguém tinha um acordeão. Isso era bom. O segundo, um triângulo, o que era melhor do que nada. O terceiro, um cachorro-quente, e estava completamente bêbado. Garantiu, no entanto, que podia cantar o zydeco.

— Vamos nessa! — peguei minha gaita.

Não me lembro do que tocamos, apenas de que o cara com o cachorro-quente era incrível. Ninguém conseguia entender o que ele dizia, pois continuava comendo o cachorro-quente enquanto cantava. O som que saía de sua boca e do acordeão do outro cara, no entanto, era uma autêntica mistura de blues e rhythm and blues – ou seja, um autêntico zydeco. E a multidão ficou louca com aquilo.

O problema era que a multidão não parava. Tocar uma música com o som pesado como o zydeco, sem nenhuma seção rítmica, é uma coisa para atletas. Tocamos a mesma música por cerca de 25 minutos.

— Segure o som para mim, amigo — o cara do cachorro-quente gritou no meu ouvido, e começou a cantar.

O do acordeão deixou o instrumento de lado para se juntar a ele. Agora apenas eu e o cara do triângulo tocávamos. Eu segui por mais quinze minutos, sem parar, e então comecei a ver manchas brancas.

— Temos que parar — gritei no ouvido do cantor, evitando os restos de seu cachorro-quente.

Ele concordou. Estávamos sem fôlego, exceto o tocador de triângulo (claro!), que estava pronto para tocar a noite toda.

Decisão tomada, fizemos uma reverência rápida. Os dois saíram do palco, menos eu. Meus pulmões não tinham oxigênio suficiente e minha cabeça girava. Foi quando escutei um barulho estridente nos meus ouvidos. Acabei tropeçando no cabo do alto-falante, indo direto ao encontro da cerca baixa que marcava os limites do palco. As gaitas voaram do meu cinto, dei um berro e fui parar em cima da caçamba de um caminhão carregado com sacos de areia fina de construção. Caí, me acomodei e adormeci. E esse foi o fim da minha Hohner Blues Harp Collection.

***

— Mova-se!

Minha voz está rouca, minha boca está seca, estou congelado de medo e indecisão, o som da minha própria voz quebra o feitiço, e me movo enfim. Em vez de escalar a montanha, onde sei que está minha saída, eu me obrigo a pegar outro caminho, em busca de água. Ainda estou segurando a gaita com força, como se ela me sustentasse. O mais importante é manter a calma. Não posso cometer outro erro. Depois de sobreviver a uma picada de aranha venenosa, não posso agora simplesmente morrer de sede… Um pássaro voa sobre minha cabeça e uma névoa paira sobre as árvores, dificultando minha visão. Procuro por um terreno plano e que tenha água acumulada no caminho até as florestas dos Yungas, que atravessam os Andes, o Peru, a Bolívia e o norte da Argentina. Não achei.

Tive que andar muito antes de encontrar uma piscina pequena e rasa. Olho para ela e torço o nariz com nojo. Salobra, lamacenta e cheia

de larvas se mexendo. Não estou tão desesperado… E continuo a andar, prosseguindo na minha busca.

Duas horas depois, rastejo de volta pra pequena piscina, bebo água e faço uma pausa. Deito sob um arbusto, reunindo forças pro último grande passo. É hora de me salvar. Minha esperança: se eu subir o suficiente, verei a estrada que desce das montanhas. Respiro fundo e começo minha escalada.

Parte 6

# O PEQUENO ESTOJO PRETO

“Senhor, eu não sei cantar. Eu
não tenho um treinamento formal.
Eu não leio música. E eu sei que
aqui é uma igreja – mas eu toco
uma gaita irada.”

“Fearing the Stigmata”
Matt Weber

## Harry Potter

Era uma verdadeira beleza. Eu a vi numa loja de instrumentos musicais em Toronto, Canadá. Todas minhas gaitas Hohner Blues foram substituídas e colocadas dentro de uma maleta com uma base de isopor que revelava formas diferentes em baixo relevo para acomodar cada gaita. O lado de fora era de plástico rígido, embora texturizado, o que lhe dava uma aparência de couro preto brilhante. Era lindo.

A desvantagem desse acessório notável: não parecia que eu estava carregando gaitas. Tal qualidade chegou a mim de uma maneira muito real, apenas alguns meses depois que eu o comprei. Durante uma escala em Manchester, no Reino Unido, entrei num parque carregando a pequena caixa preta e um dos Harry Potter, de J. K. Rowling. O céu estava cinza, e eu usava um casacão para me proteger do frio do outono. A ideia era andar, desfrutar de paz e ler um pouco, antes do trem para Londres. Sem saber, escolhi um parque em Mosside, uma das áreas mais perigosas da cidade. Pouco tempo depois, alguém muito preocupado chamou a polícia para dizer que havia um homem grande, com um casacão, sentado sozinho no parque e carregando uma pasta preta.

Antes que eu percebesse, uma equipe altamente eficiente da metrópole já tinha chegado e, usando uma espécie de manobra da pinça, veio movendo-se pela minha lateral. E dois policiais tomaram posição em ambos os lados do meu banco e prontos para colocar as mãos em mim a qualquer momento. Dois mais robustos, vindos da entrada do parque, pararam na minha frente. Mais um ficou guardando a entrada. Eu estava cercado, mas a história do jovem bruxo tinha alcançado um momento dramático, e eu não percebi nada.

O policial estava prestes a dar o sinal, quando deve ter notado o título do livro e hesitou. Escutei um ruído e olhei para cima. Lá estava

ele, uniformizado, parado bem perto de mim, falando no rádio e perturbado.

— Sargento, ele está lendo Harry Potter.

Depois olhou para mim.

— Você está lendo Harry Potter?

— Sim. É incrível — eu disse. — Você leu algum?

— O senhor me desculpe… Deve ter havido um mal-entendido — disse o homem, constrangido por suspeitar de que um traficante de drogas poderia estar tranquilamente, no banco de um parque, lendo Harry Potter.

Ouvi as risadinhas de quatro policiais atrás de mim, todos lutando para manter as caras sérias.

— Bem… — disse um. — Vejo que o suspeito está de posse de um material de uso altamente viciante…

E a gargalhada estourou de todos os lados.

— Diga, o que tem nessa maleta, filho? — quis saber o policial chefe, tentando recuperar a seriedade da situação.

— Gaitas… — eu disse.

E abri a maleta.

A visão das minhas Hohner Blues provocou outra rodada de risadas.

E eu ri com eles.

# O chamado da África

Algumas semanas depois, recebi um telefonema de meu pai, sugerindo que eu voltasse a Malawi, na África, para assumir um cargo de professor de ciências. “Não seja ridículo”, eu lhe disse. “Eu já tenho toda minha vida organizada na Louisiana.”

Dormi mal nas duas semanas seguintes, sonhando com o chamado das pombas do mato e os gritos dos corvos de pescoço branco da montanha Mulanje. Um mês depois, sentei-me nos degraus do prédio do governo, durante uma tarde abafada, com todos meus pertences numa caixa de papelão. Eu havia pedido demissão e estava indo para casa.

Ao descer do avião, debaixo daquele sol escaldante e daquele imenso céu africano, me perguntei se aquele era o fim das minhas aventuras musicais. Não tinha ideia de que tipo de cena musical estaria me esperando ali no Malawi. Quando saí, oito anos antes, eu não era músico. Agora eu era um gaitista e possuía uma elegante caixa preta cheia de gaitas para provar.

Comecei a explorar meu ambiente familiar, mas com novos olhos. A música estava por toda parte. Tocando alto nas rádios, saindo dos povoados, os tambores e as danças saudavam a chegada da quente noite africana. Eu falava a língua errada. Comecei a estudar a língua Chichewa, falada no Malawi, na Zâmbia, no Zimbábue e em Moçambique – um passaporte para uma real compreensão da cultura urbana de Blantyre, que é a segunda maior cidade do Malawi. O povo chama de a capital comercial. Lilongwe é a capital política.

Minha primeira experiência num show no Malawi foi memorável. Os missionários negros tocavam uma mistura de reggae, e a energia da multidão era um pequeno furacão. Levantei minha cerveja como um brinde a um homem africano. Ele bateu sua cerveja na minha com tanta

força que as duas garrafas explodiram, deixando-me com um punhado de cacos de vidro. Então ele se foi, pulando e cantando de alegria e êxtase.

Eu tinha sido fisgado. A música africana era alta, uma afirmação de vida, carregada de poder e energia criativa. Eu procurava uma oportunidade para tocar, mas não sabia por onde começar.

Tudo começou com um homem chamado Felix Jere. Felix foi contratado para tocar baixo na festa da escola – e, como a maioria dos meus colegas, sentou-se do lado de fora e bebeu quantidades absurdas da cerveja local. Eu dancei sem parar, atraindo a atenção dos músicos curiosos. Conversamos brevemente, e eu o convidei a passar pela minha casa para beber chá vermelho e conversar sobre a música do Malawi. Ele tinha cerca de um metro e meio de altura, um nariz grande e umas sobrancelhas pesadas. Seus dreadlocks Rastafari tinham sido cortados numa linha bem arrumada acima dos ombros, e grandes anéis reluzentes adornavam cada um dos seus dedos. Essa reunião iria mudar minha vida no Malawi. Felix era uma pessoa singular, um semideus musical na forma de um duende. Ele podia tocar qualquer tipo de música e era, talvez, o homem mais musicalmente promíscuo que eu já tinha conhecido. Tocava baixo até enquanto dormia, o que eu descobri, para meu aborrecimento, quando dividimos um quarto de hotel numa turnê.

Sentamos juntos em cadeiras de balanço de vime, bebendo o forte chá africano e observando a luz da tarde pelas árvores altas.

— Escrevi uma canção africana — eu disse a ele, colocando mais açúcar na minha xícara.

— Papa Gilmore, você deve tocá-la! — disse ele, pegando mais quatro colheres de açúcar.

Quatro horas depois ainda estávamos lá, curvados sobre nossos violões, enquanto um pôr de sol como uma bola de fogo pairava sobre as montanhas e um cheiro de fumaça de lenha enchia o jardim.

— Eu a chamo de Furacão — eu disse.

— Oh! Você quer dizer Ngati Mafunde — Felix traduziu, e começou a cantar o refrão para mim.

Soou muito mais cativante em Chichewa. Sorrimos daquele jeito do Malawi: que mostra todos nossos dentes. Nos quatro anos seguintes, Felix Jere foi meu guia para tocar música no Malawi.

Andando de ônibus pela cidade, ele reuniu uma coleção de

malandros adoráveis, cujos talentos equivaliam às suas capacidades para causar problemas. Logo, logo eles estavam todos na minha varanda, bebendo chá e abusando da minha sacola de açúcar. Desde então, nunca houve um dia em que eu tenha voltado para casa sem encontrar pelo menos um deles esperando por mim. Eu estava em apuros, e sabia disso. Não tinha como voltar atrás.

Havia o jovem Charles Foster, nos teclados, que parecia uma criança, embora tivesse quase trinta anos e pudesse tocar e cantar em qualquer harmonia que você pedisse. Havia McFarley, tagarela e com um humor grosseiro, mas tecnologicamente experiente e capaz de resolver qualquer problema com uma chave de fenda. Havia Patrik Anadi na guitarra, um artista poderoso, mais astuto que um pirata. Então, veio o imortal Trompe, um avô congolês – que sempre fazia questão de ser chamado pelo nome de um instrumento em francês –, cuja habilidade em beber era comparável ao seu charme. O músico mais profissional era Liffa James, no djembe. O djembe é um tipo de tambor da Guiné. É muito antigo e tem o corpo em forma de cálice, com uma pele na parte mais larga. É lindo! O Liffa pilotava o djembe, nunca perdia uma batida e mantinha seus movimentos diários num ritmo rigoroso, considerando o atraso uma ofensa imperdoável. No centro de tudo, cheio de alegria e malícia, o irresistível Felix Jere.

Praticávamos no meu quarto de hóspedes, fazendo barulho suficiente para atrair transeuntes curiosos que sempre acabavam na sala de ensaios, bebendo qualquer cerveja que eu pudesse ter em estoque. Depois de algumas semanas musicando o bairro, estávamos prontos. Agora precisávamos de um show.

# Sangalala Afro-Blue

Enfrentamos uma série de obstáculos. O primeiro foi a falta de equipamentos de som. Nenhum local onde pudéssemos tocar mantinha seu próprio sistema de som e, portanto, fomos obrigados a contratar um. O segundo: o intermediário de quem alugamos o equipamento insistiu para que nós mesmos pegássemos tudo nas profundezas do município de Chilimoni. Por fim, e para piorar, tivemos que alugar um carro. Foi um pesadelo pré-show. O local era um labirinto, e todos os membros da banda – pendurados para fora das janelas do carro – pediam ajuda a quem passasse. As informações eram desencontradas.

Afinal encontramos a casa e conversamos com o dono do equipamento. Ao ver meu rosto branco, o homem reagiu desconfiado, e queria garantias de que não iríamos alugar o equipamento para outra banda e por um preço mais alto. Cansados daquelas negociações, percebemos que a prova definitiva de nossa sinceridade estava no carro e acenando pro locatário do lado de fora.

Enquanto isso, os homens estavam cansados de esperar ali dentro, e então tiveram a ideia de sair e ficar do lado de fora, encostados às portas do carro. Péssima ideia. Uma linha de formigas ferozes, conhecida como lintumbo, estava cruzando exatamente onde eles colocaram os pés. Odiados por todos os malauianos, esses insetos possuem bocas potentes e grande capacidade para subir pelas pernas das pessoas. Enquanto eu levava o desconfiado homem do equipamento para fora, as lintumbos já estavam em ação.

— Veja! — eu disse, triunfante, apontando pro pessoal. — Somos uma banda, e não intermediários desonestos.

Eu continuava apontando pro carro, com olhos fixos no homem. Ele olhou para mim e também pro pessoal lá fora, aos pulos, e balançou a cabeça, convencido de que éramos um bando de loucos.

Eu me virei, e lá estavam os quatro com as calças nos joelhos, dando saltos e batendo nas pernas. O fornecedor virou-se para mim e afinal riu. Seria uma longa noite.

O show foi um sucesso. Todos fizeram seu solo de dança em algum momento, incluindo o baterista. Depois a banda liderou o pós-festa, inspirada nos movimentos rítmicos das aldeias da região. Coisa de alto nível artístico. Nascia ali a Banda Sangalala Afro-Blue.

O próximo problema que tivemos foi uma crise de identidade: a minha. Meu passado estava causando alguma confusão nas notícias. As manchetes apontavam uma origem diferente a cada nova história: "Kenny Gilmore, artista americano". Ou: "Kenny Gilmore, músico britânico". Por fim: "Kenny Gilmore, o flautista branco africano". Não era simples.

Em certos locais, como Blantyre e Lilongwe, ter um músico branco era aceitável. Mas em outras cidades, como Balaka e Lunzu, ter um branco no palco era uma provocação. Uma vez, numa sexta-feira à noite, um MC, incitou a multidão, perguntando:

— Vamos deixar esse makubwa tocar?

Aquilo não foi simpático. Makubwa é como um insulto, só que dirigido aos homens brancos. Então, toda a pista de dança rugiu, dividida ao meio. Para tentar passar por cima de tudo aquilo, lancei a introdução da gaita e a massa de pessoas explodiu numa dança espontânea, todas as questões esquecidas, pelo menos por um tempo: o tempo da música.

De toda forma, enquanto estivessem escrevendo sobre a banda, eu estava feliz. Lentamente, com a paciente tutela do pirata astuto Patrick Anadi e sua guitarra, aprendi a tocar música africana, se é que isso existe assim, dessa forma tão genérica. Também aprendi algumas regras para se tocar música no Malawi. A primeira delas, bem simples: nunca pare de tocar.

Eu aprendi isso com o célebre guitarrista Joseph Tembo. Eu era o anfitrião de sua banda, num grande local ao ar livre. Eles eram seis, e estavam apresentando um magnífico som, sim, mas a multidão se comportava de forma cada vez mais assustadoramente agitada. Diante do palco, alguns homens fortes, dançando como guerreiros bêbados. E de repente todas as luzes da área se apagaram e o palco mergulhou numa escuridão total – um corte de energia nos deixou sem escolha, a não ser ficar em silêncio.

— Kenny! — gritou Joseph, agarrando meu braço na escuridão e me puxando para baixo. — Deite-se, rápido!

Obedeci. E uma saraivada de garrafas de cerveja voou sobre o palco, como mísseis, explodindo em cacos de vidro nas paredes de madeira atrás de nós. Eu podia ver seus brilhantes dentes brancos sorrindo para mim na escuridão.

— Pois é… As pessoas ficaram infelizes… — disse Joseph, com as mãos na cabeça e tentando proteger seu violão.

Muitos minutos se passaram conosco ali, pressionados contra as tábuas do palco e sob a chuva de mísseis de vidro e os gritos de raiva da plateia. Até que as luzes se acenderam, o imenso amplificador do subwoofer estalou, e o sistema de som voltou à vida. Joseph ficou de pé num pulo e gritou:

— Toquem! Toquem, porra!

E a banda, encolhida atrás dos alto-falantes principais, entrou em ação, continuando exatamente de onde tinha parado. Um grito de satisfação veio da plateia lotada, e a dança continuou com um vigor renovado.

## Ngati Mafunde

Apesar desses perigos inacreditáveis, fui fisgado pela cena musical do Malawi. Em nenhum outro lugar o público respondeu com tanta alegria e espontaneidade (e paixão furiosa!), desde o primeiro acorde.

Também fiquei impressionado com o senso de ritmo dos meus amigos do Malawi, bem como sua harmonia vocal. Também tentei entender a complexa mistura de influências, tanto internas quanto externas, que é a paleta herdada do artista do Malawi. “Estamos todos conectados, Kenny”, eles me diziam.

Em alguns shows, no entanto, eu era capaz de sentir de vez em quando uma queda na qualidade das performances no palco. E era de repente. Partes bem ensaiadas, fruto de muito empenho, sem mais nem menos eram abandonadas, e em seu lugar um modo circular repetitivo.

Um dia percebi, surpreso, olhando em volta, que vez por outra um membro da banda encontrava na multidão um sósia para substituí-lo, e ele escapava para tomar uma cerveja ou descansar um pouco. Como eles podiam realizar essa espécie de traição? Tive de lidar com isso. Fazer o quê?

No dia em que decidimos gravar nossa música favorita, Ngati Mafunde, não fomos rigorosos na escolha do estúdio. O “estúdio da cama” recebeu esse nome por causa do enorme colchão king-size que ficava na sala de espera, sobre o qual os músicos se espalhavam alegremente, aguardando a vez de gravar. Do lado de fora, um vigia ficava parado com uma pilha de pedras. Seu trabalho era afastar os corvos pied, incrivelmente estridentes, um pássaro muito comum no Malawi e muito parecido com um tipo de corvo carniceiro. Um monstrinho. Como se não bastasse, seu canto, insuportável, era fatal pra nossa gravação, pois o “estúdio da cama” tinha cama, mas não tinha proteção sonora. Mesmo assim gravamos: um álbum de dez

faixas, chamado Ngati Mafunde, junto com um vídeo. Isso era 2006.

Um jovem produtor de TV gostou do vídeo e o colocou nas paradas de TV para votação popular. Em uma semana chegamos ao terceiro lugar. Fizemos uma festa, claro. Uma semana depois, ao primeiro lugar. E de repente a banda Sangalala Afro-Blue estava sob os holofotes. Eu, com 26 anos.

O acordo pro lançamento em cassete – as fitas naquela época eram mais fáceis de vender – espalhou nosso nome ainda mais. Uma van percorria os mercados de fim de semana do Malawi, fornecendo nosso som pros cantos mais distantes do país. Uma pena não termos escolhido um estúdio mais respeitável, mas era tarde demais. Éramos, afinal, muito melhores ao vivo.

Fomos convidados a fazer vários shows de alto nível naquele ano. Um dos mais memoráveis foi no palácio presidencial Sanjika, uma convocação indireta de sua Graça Madame Ethel Wamutharika, a primeira-dama. Ela organizou uma reunião com oitocentas das mulheres mais poderosas e influentes da África Central e convidou a Banda Sangalala. Foi uma grande honra para nós, e quando subimos a íngreme colina vimos guardas armados ao nosso redor. Infelizmente, o show foi interrompido pelo gesto ciumento de um sujeito que nos desconectou e depois ficou mal-humorado nos jardins presidenciais.

Também fomos convidados a desfilar pelas ruas de Blantyre em cima de um caminhão, no Dia Mundial das Organizações Alimentares contra a Fome Infantil. A maior parte do desfile correu bem. As pessoas alinhavam-se nas ruas e acenavam, e faixas eram exibidas em todos os edifícios importantes, pedindo aos ricos para acabarem com a fome infantil em todo o mundo. Estávamos animados e orgulhosos por termos sido escolhidos para fazer parte do evento.

Quando entramos nas planícies abertas, ao lado do estádio de futebol, um ponto de encontro, um problema ocorreu, e por nossa culpa.

Todos nós de pé em nosso caminhão, os professores por perto, assistíamos aos discursos e desfiles do dia. Um pouco mais afastadas, centenas de alunos das escolas. Estava quente ali, e as crianças pareciam tão entediadas que decidimos dar-lhes um presente. Sabíamos que nossa música Ngati Mafunde era muito popular entre os mais jovens do Malawi. Então eu comecei: toquei a introdução da gaita. Quando um grito de reconhecimento e alegria veio das fileiras de

crianças, começamos a tocar a música. Não fazíamos ideia do que viria a acontecer.

Uma centena de crianças romperam as fileiras e começaram a correr na nossa direção, cantando e gritando: “Ngati Mafunde! Ngati Mafunde!”. Os professores não tiveram tempo de reagir, e muitas delas começaram a escalar a lateral do caminhão. Aglomeravam-se em torno de nós e sobre nossos equipamentos, batendo palmas e cantando. Eram doces e até respeitosas, mas à medida que mais e mais delas subiam no caminhão, o espaço ali diminuía. Comecei a ouvir um som estranho vindo do gerador, e então vi, sobre o gerador, quatro crianças em pé. Foi ali que paramos de tocar.

— Cuidado! Desçam daí! — gritei, e então uma faísca disparou do microfone e me queimou nos lábios.

Uma poderosa onda de eletricidade envolveu a carroceria de metal do caminhão, dando choques em todos os que estavam no chão. Não faço ideia de como aquilo aconteceu. Só ouvia os gritos das crianças e da banda.

Então chegou a polícia, ordenando que todas as crianças saíssem do caminhão, exceto a Banda Sangalala. Demorou cerca de quinze minutos antes que meus dedos parassem de formigar, e outros quinze minutos antes que ousássemos tocar alguma coisa.

Sempre com a última palavra, Felix comentou, sobre uma xícara de chá naquela noite, que no próximo ano eles deveriam ter um “Dia da MOA contra eletrocutar músicos”.

— Mas eles vão nos contratar, papa Gilmore? — ele sorriu.

— Sindikudziwa! — respondi.

(Em nianja é bem mais fácil a gente dizer que não sabe…)

# O próximo show

À medida que nossa fama se espalhava, começamos a experimentar o reconhecimento e o incentivo da polícia de trânsito, que administrava os postos de controle entre Blantyre e Lilongwe. Parecia que eles tinham um grande interesse na cena musical e paravam para conversar conosco toda vez que nos dirigíamos pro norte para tocar em Lilongwe. No entanto, fiquei surpreso ao ser acordado no sábado de manhã por um telefonema justamente da polícia. Eles me disseram que estavam com um sujeito chamado Patrick Anadi em custódia, e o Patrick queria me ver.

Eu dirigi com medo pra delegacia, imaginando o que será que ele tinha feito. Os oficiais de serviço não me disseram. Quando cheguei, encontrei-o imundo, um olho fechado, com sangue e vômito nas roupas. E estava acorrentado a um homem de aparência perigosa, com cabelos até a cintura e um rosto de assassino.

Patrick estava mal, e eu tive dificuldade de entender a história. Parecia que ele tinha entrado numa briga violenta. Enquanto eu ouvia, o outro homem me observava em silêncio, como um leopardo. De repente, pulou em minha direção como se quisesse agarrar minha garganta, puxando os pés de Patrick para debaixo dele. Eu só tive tempo de mergulhar pela porta aberta antes de levar um murro. Os dois policiais entraram em cena para conter o maluco. Eu, do lado de fora, tremia, olhando para meu amigo. Pobre Patrick, acorrentado a um monstro… Eu tinha que tirá-lo dali.

Virei-me pro sargento:

— Você não pode detê-lo, a menos que as acusações contra ele estejam claramente registradas e sejam comprovadas!

Continuei a protestar, mas meu pedido de um habeas corpus foi recebido com indiferença. Então, lembrei-me dos meus modos

africanos. Sentei-me e comecei a discutir casualmente os assuntos atuais. Perguntei pelo bem-estar de suas famílias e como as coisas estavam indo em sua aldeia natal. O policial mudou após essa mudança de aproximação, e, depois de uma longa queixa sobre o fraco desempenho da equipe nacional de futebol, disse que tentaria me ajudar. Saiu do escritório, deixando-me com um vislumbre de esperança. Depois voltou com um documento para eu assinar. O papel dizia que Patrick podia ser solto em liberdade condicional. A condição era que ele teria que aparecer na delegacia, todas as sextas-feiras, por um mês. Se não comparecesse, então eu seria preso em seu lugar.

— Sabemos onde você mora, senhor Gilmore. Todo o mundo sabe…

Embora eu estivesse correndo um grande risco, assinei o documento e levei Patrick, todo ferido, para casa.

Aparecemos na data marcada pro compromisso, mas ninguém parecia estar muito interessado na presença de Patrick ali, e esperamos sem sucesso. O mesmo aconteceu na outra sexta-feira, e também na seguinte. Interesse zero. Assumimos assim que o caso tinha sido arquivado.

Tudo parecia bem, o incidente se tornou passado, as chuvas vieram e passaram, deixando as estradas cheias de buracos profundos e várias pontes bem construídas destroçadas. E começamos a trabalhar em uma nova música afro-reggae, com uma onda otimista, chamada Malawian Queen.

Um dia, eu dirigindo, voltando do mercado, um policial bloqueou meu caminho. Eu tinha um pressentimento, observando o profundo desprezo nos olhos do homem.

— Você está dirigindo perigosamente — disse ele, exigindo minha licença.

E olhou e olhou meus documentos, procurando por algo errado. Eu conseguia distinguir um tipo desagradável quando via um. Era o caso. Decidi que não seria intimidado com tanta facilidade.

— Dirigindo perigosamente?! — protestei. — Eu mal estou me movendo, senhor polícial…

— Exatamente. Você está dirigindo muito devagar.

E ele sorriu. Olhei para trás, a estrada deserta, sem testemunhas. A maioria dos policiais do Malawi não era assim. Tive azar. Seria mais fácil suborná-lo, mas eu me recusei.

— Você não tem nenhuma acusação contra mim — eu o desafiei. —

Não pode me deter.

— Posso. Você está estacionado ilegalmente. — Ele sorriu de novo.

— Eu não estou estacionado — insisti. — O motor ainda está funcionando…

Eu deveria saber discutir melhor com um policial corrupto. Ele enfiou a mão pela janela do carro, desligou o motor, pegou a chave e guardou-a no bolso.

— Agora você está. — E sorriu, quase rindo.

Ele não podia fazer isso, ou podia? Sim, ele podia. Não havia testemunhas, e seria minha palavra contra a de um oficial da lei.

— E agora você vem comigo.

Não tive escolha, a não ser deixar o carro onde estava.

Não achei que as coisas pudessem piorar, mas pioraram. Assim que entramos na delegacia, um segundo policial agarrou meu braço.

— Senhor Kenny Gilmore, o senhor está preso, por não comparecer aos compromissos perante a lei, na presença do senhor Patrick Anadi.

Os dois policiais olharam-se vitoriosos. Tudo ia de mal a pior. Decidi ficar quieto.

Segurando-me em cada ombro, marcharam comigo para uma cela – não uma cela sombria, mas uma surpreendentemente agradável. Vários oficiais da Investigação Criminal, conhecidos como oficiais do CID, estavam sentados numa mesa, bebendo chá e comendo biscoitos. Um deles, que me pareceu de uma patente superior, ergueu os olhos, olhou pros dois policiais, que ainda me seguravam pelos ombros, e perguntou:

— O que vocês estão fazendo?

— Nós prendemos Kenny Gilmore, senhor! — disse o guarda de trânsito dos sorrisinhos irritantes.

Todos os homens da mesa começaram a rir.

— E você prendeu Kenny Gilmore, sob que acusação? — voltou a perguntar o superior, pousando a xícara de chá e juntando as mãos.

Eu estava curioso. Eles deveriam ter ali uma justificativa muito convincente, senão…

— Bom, ele estava… Estava… — tentou o guarda de trânsito, e depois parou, olhando para baixo.

O oficial sênior parecia ter um faro para situações potencialmente corruptas, e nem esperou o outro terminar.

— Vocês estão dispensados, senhores! — E apontou pra porta.

Nenhum se mexeu.

— Eu disse que vocês estão dispensados, senhores! E fechem a porta!

E os dois policiais saíram, deixando as chaves do meu carro em cima da mesa. E o chefe olhou para mim:

— Sente-se, Kenny, e tome uma xícara de chá.

Aceitei, e ele seguiu:

— A única coisa que faz desse homem um culpado é não nos dizer onde é seu próximo show. — E riu, olhando pros outros.

E um outro aproveitou a deixa:

— Senhor Mafunde, o senhor precisa nos dizer quando vai tocar, para que possamos comparecer. Se sonegar essa informação, aí, sim, será preso.

Todos caíram na gargalhada. E em nenhum momento fizeram referência à situação que me havia levado até ali.

— Volte sempre! Nós gostamos muito do jeito que você toca essa… flauta…

— Obrigado. Ah, a flauta é na verdade uma gaita — eu disse, sorrindo.

E fui embora.

# Um homem duplo

Uma semana depois, tocamos num festival nacional de música, o Kuche Kuche Awards. Embora muito elogiados pela imprensa, o primeiro lugar foi para outro artista.

— Muito bem, Kenny! — disse o senhor Mpatso.

Tinha sido meu amigo e professor de dança tradicional na mais recente turnê da banda em Lilongwe.

— Agora você é realmente um músico do Malawi! E eu vou te dar um nome.

Ele inclinou a cabeça e pensou por um tempo, olhando para longe.

— Amuna amuna. Esse é seu novo nome. Significa o homem duplo, um homem vezes dois, porque você tenta viver duas vidas diferentes.

Um show bem-sucedido puxava outro show bem-sucedido. E começamos a pensar em novas oportunidades para além das fronteiras do Malawi. Tínhamos tudo para nos tornar um fenômeno internacional.

Então, as coisas começaram a dar errado. Primeiro, Mpatso foi pegar nosso pagamento em dinheiro do contrato fonográfico, e nunca mais voltou. Depois, fiquei doente. Malária. Todas as noites tocando em locais cheios de mosquitos, eles finalmente me pegaram. Tentei combater a doença com remédios conhecidos, mas não funcionaram. Por causa de uma dose errada, acabei no hospital, e justo no dia de um grande show. O parasita mortal estava resistente, e meu fígado, arrebentado. Isso não me impediu de sair, quase fugir, do hospital, pegar um táxi e ir pro palco, tocar uma versão rápida do nosso hit Ngati Mafunde. Consegui por cinco minutos, em homenagem aos nossos fãs, que cantavam em inglês e em Chichewa. Não aguentei mais que isso. Meteram-me num táxi e voltei pro hospital. Um jovem médico apareceu:

— Com licença… Você é Kenny Gilmore?

— Sou — eu mal conseguia falar.

— Tem uma garota na cama ao lado que quer saber se pode pegar seu autógrafo…

Peguei no papel que ele me deu e vi que o verso continha seu teste de urina. Dei o autógrafo ali mesmo.

O médico não resistiu.

— Rapaz, você deveria ir com calma. Uma pessoa com malária não pode cantar e tocar num show… Esse tipo de malária recorrente é bastante sério — disse ele, muito preocupado. E seguiu: — Essa é a terceira vez que falhamos em curá-lo. Seu corpo luta contra isso há muito tempo e está enfraquecendo rapidamente. — E, depois de uma pequena pausa dramática: — Eu colocaria você num voo pra Cidade do Cabo, para um hospital melhor, mas receio que você não sobreviva ao voo.

Encarei o médico, horrorizado. Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Precisamos agir agora, antes que seu fígado falhe. Vou lhe dar um coquetel poderoso o suficiente para matar o parasita. Também pode te matar, mas acho que não. Você é forte e teimoso. — E olhou pra gaita.

Assinei um formulário de isenção de responsabilidade e tomei o coquetel. Durante a noite, um bebê morreu na cama ao meu lado e sob o mesmo tratamento. Eles são as verdadeiras vítimas dessa terrível doença. Virei o rosto quando a mãe passou por mim chorando.

Pela manhã, fui liberado, sentindo-me um homem duplo.

## Ladrões na noite

Um tempo depois a banda lançou a música Malawian Queen, que ficou tão popular quanto Ngati Mafunde.

Infelizmente, nossa fama se espalhou não apenas pros guardiões da lei, mas também pros que tentavam fraudá-la. Em um pequeno país onde os segredos são quase impossíveis de se guardar, informações como a localização da nossa sala de ensaios ou mesmo da minha casa se tornaram públicas. E eu não estou brincando quando dou aos meus amigos estrangeiros a dica para chegarem à minha casa.

— Saia do avião, dirija até a cidade, pare em um bar. Pergunte a qualquer um onde fica a casa do Ken.

Paguei o preço por não proteger minha privacidade.

Já era tarde da noite, a maior parte do nosso equipamento estava montado na minha sala de estar. Havia ali um grande espelho pendurado na parede, para facilitar o ensaio da coreografia das danças tradicionais que se tornaram parte dos espetáculos. Um par de portas de vidro se abria pro jardim dos fundos, guardado apenas por uma cerca. Depois de trancar as portas, deixei as chaves na fechadura e fui pra cama, sozinho.

Às duas da manhã ouvi o barulho de vidros quebrados e soube na hora que a casa estava sendo invadida. Bem depois os vizinhos me disseram que tinham visto pelo menos quatro homens, com facões, correndo ao luar, um deles carregando minha televisão. Disseram também que o viram, como numa comédia do Malawi, tropeçando nos próprios pés e caindo em cima da tela. Quando acordei com aquela explosão de vidros, não tive certeza de nada, apenas de que teria de enfrentar tudo sozinho.

O apartamento era equipado com um botão de alarme, que no caso de um arrombamento provocaria uma resposta armada da equipe de

segurança. Durante os dez minutos que os seguranças demorariam para chegar, eu estaria por conta própria. Por uma falha da empresa, o botão de alarme não tinha sido instalado no meu quarto, e sim no quarto de hóspedes.

E foi assim que eu corri nu e gritando, entre as sombras armadas com facões, para apertar o botão de alarme e depois voltar para meu quarto.

Embora esse tipo de violência fosse relativamente raro no Malawi, eu poderia morrer, e, para não morrer nu, coloquei as calças. Também coloquei a cama na frente da porta e telefonei para meu pai. Se algum amigo ou familiar pudesse ir à delegacia local e pedir ajuda, melhor ainda: alguns policiais apareceriam.

Quando vi que estava enfim acompanhado por seguranças, saí para examinar a cena do crime. A primeira coisa que notei foi o gato dormindo no sofá (e na hora desejei ter um cachorro…). A segunda coisa, destroços e caos por todo lado. E não conseguia descobrir o que tinha sido roubado. Vi é que eles haviam deixado muitas coisas de valor, menos uma, a principal: minha pequena caixa preta. Sumido. Desaparecido na noite africana. Esse foi o fim do meu pequeno estojo preto cheio de gaitas.

***

Olhando para cima, a montanha desaparece na névoa, e me pergunto o quão alto eu preciso escalar. Muito alto. Preciso dar a volta. Do outro lado deste pico, se meus cálculos estiverem corretos, deve passar uma estrada. Estou cada vez mais fraco. Vejo de novo, pelo canto do olho, o pássaro sentado numa pedra e olhando para mim. Acho que é algum tipo de abutre. Olho para ele:

— Eu ainda não estou morto!

Começo a subir, seguindo minha bússola, que me levará até a estrada. Não há mais água em lugar algum. Tenho de ser resgatado.

Parte 7

# A CHROMONICA 64

“Então, você nunca vai poder
dizer o que vai te acontecer quando
aprender a tocar gaita.”

Robert McCloskey

# O singanga

Advertência: gostaria de pedir aos leitores que, se um dia suas gaitas forem roubadas por uma gangue de ladrões empunhando facões em plena madrugada, não contratem nunca os serviços de um feiticeiro africano para recuperá-las. É sério.

Minha carreira musical foi interrompida. Agora, sem possuir uma única gaita, morando num país sem nenhuma loja de instrumentos musicais, tive que cancelar todos os nossos compromissos. O pessoal ficou mal. Acabei tendo muito tempo para pensar nas minhas longas tardes. O forte chá vermelho, que sempre me trazia algum prazer, tinha agora um sabor azedo. Numa única noite, todas as gaitas que eu possuía tinham sido roubadas da minha casa por homens armados. Para eles as gaitas não eram nada.

Um dia, Patrick Anadi veio me ver. Mexendo uma quarta colher de açúcar em seu chá, inclinou-se para frente na cadeira de balanço e falou comigo com uma voz baixa e sincera.

— Kenny, você tentou isso da maneira mzungu…

Eu fiquei olhando para ele.

— A maneira mzungu é a maneira do homem branco, Kenny… E a polícia não conseguiu encontrar nada. Agora vamos tentar com o velho jeito africano. Vou chamar um médico.

— Médico?! Patrick, eu não estou mais doente…

Ele balançou a cabeça e riu, mexendo a cabeça como sempre fazia quando ouvia uma boa piada:

— Kenny, não esse tipo de médico… Eu quero dizer um singanga.

Eu o olhei, incrédulo. Ele estava propondo um tipo de bruxo, mesmo assim topei.

Logo no dia seguinte o cavalheiro respondeu à mensagem escrita à mão que lhe enviei. Com seu terno feito sob medida, óculos de sol da

moda e sapatos brilhantes, ele parecia mais um advogado do que a figura sombria que eu esperava. Também foi o primeiro malauiano que eu já conheci que não colocou açúcar em seu chá. Essa foi a primeira prova de seus poderes sobrenaturais. Era um bruxo.

Ele tomou um gole lentamente, e parou para pedir detalhes específicos. Contei a ele toda a história. Por um longo tempo, ele não disse nada. Observamos os pássaros da tarde voando entre os galhos das árvores no meu jardim. Então ele começou a falar:

— O homem que pegou as gaitas pode ser encontrado. Ele vai ser encontrado. Ele vai ser obrigado a devolvê-las.

Ele estava falando uma linguagem que eu entendia, embora não estivesse claro que tipo de poderes alegava possuir. Mas não tinha dúvidas acerca da sua poderosa influência social.

— Perfeito! Quanto vai custar?

— Espere! — Ele pousou os óculos escuros na mesa. — Você não quer que eu lhe diga como isso vai funcionar?

— Na verdade, não… Não quero.

— Bem, eu vou dizer mesmo assim. — E me olhou muito sério. — Os sonhos do ladrão serão visitados por um demônio que vai ameaçá-lo e exigir dele que traga as gaitas de volta. O ladrão vai fazer qualquer coisa para se livrar do demônio. Ele pode até morrer com a experiência… — disse ele, como se estivesse comentando um pôr-de-sol.

— Isso não é demais? — protestei. — Você não poderia apenas assustá-lo um pouco?

— Você quer ou não as gaitas de volta?

Tinha algo irritante em seus olhos, como se não possuíssem íris, apenas uma pupila muito grande. Coloquei meu chá sobre a mesa e me forcei a olhar pro vazio de seus olhos.

— Quero. E não me importo se o ladrão vai ou não enfrentar o demônio. — Empurrei o dinheiro sobre a mesa.

Ele se levantou, com um sorriso de satisfação. E assim tudo começou.

O singanga vestiu umas roupas estranhas e começou a desenhar muitas runas nas paredes da nossa sala de ensaio, sempre se contorcendo como uma cobra. Enganchando um dedo na gola da minha camisa, me puxou para perto dele, esfregando minha testa com seu dedo indicador e cantando de uma maneira que me fez querer fugir. Eu

não deveria ter ficado sozinho com aquele bruxo. Parecia que minha própria mente estava sob ataque. Meu desconforto aumentou, e eu me via quase a ponto de lhe dar um murro quando ele, sentindo minha raiva, de repente me libertou.

Depois, do nada, retirou as estranhas roupas e se tornou de novo o advogado gentil. Eu não me sentia bem. Ele não me avisou que lançaria um feitiço sobre mim! Acompanhei-o à porta, servi-me de mais uma xícara de chá e fui pra cama, aliviado. Pelo menos a experiência tinha sido interessante.

No entanto, nunca recuperei as gaitas e por seis longos anos, depois do dia da bruxaria, lutei com uma sombra, até que, num telhado iluminado pela lua em El Salvador, em meio à selvageria e à violência, fui finalmente libertado. É isso que acontece quando se toca gaita. Se eu soubesse, teria aprendido a tocar flautim…

Três dias depois da experiência com o singanga, exatamente às duas da manhã, acordei com o pressentimento de que algo terrível ia acontecer. Esperei. Foi então que ouvi uma voz chamando meu nome da estrada atrás da minha casa. Dei um salto, fiquei de pé e agarrei o bastão de metal que mantinha debaixo da cama desde o arrombamento. Escutei passos se aproximando da entrada da minha garagem, e de repente o som de um poderoso golpe atingindo o portão de trás do meu jardim; um golpe dado com tanta força que o fez cair no chão.

Desde o primeiro assalto, contratei um guarda noturno que mantinha um cão de guarda Rottweiler no meu quintal. Ele já tinha quase me comido duas vezes, quando eu tentei entrar em minha casa pelo quintal. Esperei pelos latidos. Nada. Terá sido envenenado? Se uma pessoa tivesse se dado ao trabalho de envenenar um cão de guarda, a coisa era séria.

Fui direto pro botão de alarme, mas, antes que eu pudesse usá-lo, ouvi um som de choro vindo da minha varanda; o som de um homem implorando, em chichewa, por misericórdia. Não consegui entender tudo o que ele dizia. Sua voz era terrível. Seria o demônio?

Era impossível, claro. Meu dedo estava no botão do alarme, mas não consegui pressioná-lo. Então, as vozes ficaram fracas, como se estivessem mais longe. Abri as cortinas. A cara do Rottweiler estava pressionada contra o vidro, e eu pulei para trás. Chamei o guarda e perguntei se ele tinha ouvido alguma coisa.

— Não, papa… — respondeu, sonolento.

Passei a noite em claro, envolvido num cobertor com meu gato. Pela manhã fui inspecionar os danos ao meu portão. Estava arruinado. Fui trabalhar com a sensação de que algo não estava bem na minha cabeça. Na noite seguinte, acordei assustado, o coração batendo forte, o corpo tremendo. O que o feiticeiro havia feito comigo?

De novo, e de novo, sempre na mesma hora, às duas da manhã, eu tinha o mesmo despertar, e alguma lembrança dos meus sonhos, algo sobre um rosto sem forma, uma voz sem som, uma ameaça sombria ao pé da minha cama. Tremendo e furioso, eu fazia uma ronda na casa com minha arma na mão, verificando todas as fechaduras.

— Mostre-se, maldito! — eu gritava. Nada.

Decidi ir morar com meus pais. Tudo melhorou. Depois de algumas semanas, voltei para casa e minhas noites ficaram mais uma vez tranquilas. O problema é que me tornei um perigo pra família e amigos. Se alguém se aproximasse da minha cama enquanto eu dormia, eu pulava sobre a pessoa como uma pantera. Ficou claro que eu precisava de férias, e também de gaitas novas.

# O sinal

Voltei à lendária rua Dinamarca, em Londres, onde tinha comprado minha primeira gaita, há alguns anos. Dessa vez, não só comprei um lindo estojo preto para substituir o que tinha perdido, como também meu primeiro instrumento cromático: o Hohner Chromonica Super 64. Essa gaita de quatro oitavas era grande demais pro estojo, então eu a coloquei no bolso da calça, que cresceu com o volume. Usei isso a meu favor no mesmo mês. Querendo assistir a um show enquanto estava em Londres, arrumei de ficar na casa de um amigo que morava em Camden Town.

Enquanto eu caminhava pela rua, ainda segurando o novo estojo com as gaitas, um bando de jovens saiu das sombras e bloqueou meu caminho.

— O que há no estojo? Alguma coisa boa? — perguntou um deles, o líder, com um sotaque cockney bem exagerado, arrastando as palavras.

Mais uma vez, a violência pairava no ar. Então tive uma ideia boa:

— O que você deveria perguntar é o que eu tenho no meu bolso.

Disse aquilo com muita autoconfiança e pousando minha mão direita sobre o volume do bolso. Por uma pequena abertura, um brilho de metal. Foi o suficiente para amedrontá-los.

— Tudo bem, companheiro… — disse o líder, abrindo meu caminho.

Assim que cheguei ao apartamento do meu amigo, soprei uma fumaça imaginária sobre minha nova Chromonica 64. Com uma gaita eu literalmente tinha me defendido de um bando de bandidos.

Depois de quatro anos morando na África, pensei em dar um tempo daquele continente que tanto amava. Em uma estranha reversão da história, voltei à cidade de nascimento do meu pai no Reino Unido: Manchester.

Eu tinha dois novos objetivos musicais. Um era aprender a tocar a magnífica Chromonica 64; o segundo, encontrar o elemento que faltava no meu dicionário musical. Eu tinha assimilado conhecimento cultural da música da África Central e da música da Louisiana. Senti fortemente que precisava de uma terceira influência, e comecei a procurá-la.

O botão na extremidade da minha Chromonica 64, necessário pras mudanças dos tons, ficou rígido depois de um tempo. Ouvindo o conselho de um saxofonista, entrei numa megaloja pedindo um lubrificante pras partes móveis. A vendedora da loja ouviu atentamente quando eu expliquei que o botão da minha gaita estava rígido e necessitava de lubrificação. Ela se afastou e depois voltou com um enorme tubo de gel K-Y.

Durante meu tempo na Inglaterra, percebi o quão pouco eu sabia de música. Por exemplo, nunca tive uma única aula de gaita… Essa necessidade de conhecer mais cresceu muito na primavera. Quando chegou o verão, parti para Portugal com um amigo. Juntos, caminhamos ao longo da costa atlântica de Faro, colocando nossos colchonetes no chão, todas as noites, onde quer que parássemos. Chegamos ao Porto, de onde ele partiu pra Inglaterra. Fiquei ali por dois anos, meu novo lar.

A vida era muito diferente no Porto. Comecei carregando minha Chromonica 64 pela cidade, procurando por música. A cultura mediterrânea me atingiu com força total. Conheci muitos músicos, mas nenhum deles parecia disposto a tocar música sem antes ter uma refeição de três pratos, uma garrafa de vinho, alguns cafés fortes e uma dose de aguardente.

Depois de tudo isso, metade da noite tinha ido embora. A música ao vivo começava à uma da manhã e corria por toda a madrugada, mesmo no domingo. À medida que o sono crescia, aprendi a saborear o excelente café forte servido em todas as cafeterias, e havia cafeterias por toda parte…

O primeiro ensaio para o qual fui convidado terminou na delegacia. Era liderado por um cantor e compositor italiano, e os demais não eram exceção ao regime noturno. Concordei em participar, desde que voltasse para casa às onze da noite.

E aconteceu o de sempre: quando o jantar e o café terminavam, já passava da meia-noite e estávamos a cem quilômetros de casa. Disse que meia-noite era tarde para começar um ensaio, mas eu era o único a

pensar assim. No final, chegamos a um acordo: colocamos um sofá no estúdio, e ali eu cochilava a maior parte do tempo. Era despertado por um cutucão do baixista na hora do solo de gaita.

Assim a sessão seguia até o meio da madrugada. Depois, encerrávamos a noite. O caminho de volta pro Porto era tranquilo, as estradas vazias, o carro com ar condicionado e boas músicas no rádio. Eu sempre dormia. Infelizmente, num desses dias, a motorista também dormiu… E batemos numa barreira de metal.

Quando dei por mim, estávamos de cabeça para baixo, ainda em movimento, e o carro pegando fogo. Mas só o carro ficou prejudicado. A seguir, lá estávamos numa delegacia, onde demos depoimento e depois ganhamos uma carona para casa, onde chegamos no meio da manhã.

— Kenny, não quer se juntar à banda? — perguntou a garota italiana quando saí do carro da polícia.

— Bom dia! — Foi só o que eu disse, e virei as costas.

Com uma vida tão intensa, depois de dois meses eu estava com um outro ciclo de sono. Passei dois anos em Portugal numa espécie de vigília crepuscular – nunca estando totalmente adormecido ou totalmente acordado, e sempre bebendo café forte ou vinho do porto, para me adaptar a qualquer situação social.

Também comi e bebi melhor do que nunca, surfei no Atlântico e fiz alguns dos meus verdadeiros amigos. Eu morava com um artista da Nova Zelândia num apartamento à beira-mar. Juntos, preenchemos os limites do nosso espaço para estarmos rodeados por arte, música e festas.

No Breyner 85, no Porto, num encontro frutífero com um guitarrista chamado Luís Ribeiro, músico e produtor habilidoso, formei uma banda e gravei um álbum. Seu modo estiloso e expressivo de tocar violão, combinado com uma performance impecável, fez dele um complemento perfeito para mim. E tocamos juntos em mais de vinte shows.

Para compensar tantas noites em claro, eu passava as manhãs tomando café com os amigos. Tornei-me tão conhecido na cafeteria de um parque municipal próximo ao mar, que eles começaram a me cobrar mensalmente. E diante de um copo de aguardente calculávamos, por alto, o valor do meu consumo mensal. Eu era tratado como um convidado de honra.

Numa festa de Ano Novo, em 2010, uma equipe nigeriana de

meninos de breakdance decidiu fazer uma demonstração de sua arte, e o DJ propôs um desafio: quem estaria disposto a enfrentá-los. Aquela dança de rua não era nada fácil: giros no chão, passos ousados, contorcionismos com as costas, e muito gingado… Cheio de aguardente na cabeça, aceitei. Num determinado momento, não sei como, dei uma cambalhota, bati contra uma parede e desloquei a rótula.

Os paralelepípedos do Porto são um verdadeiro pesadelo para um homem de muletas. A recuperação foi lenta por conta de uma operação malsucedida que me deixou com uma ferida infectada e um sangramento interno. Aprendi a lição: nunca aceitar o desafio de uma equipe de meninos nigerianos de breakdance. Por todo o tempo da recuperação me dediquei a tocar minha gaita cromática e meu violão. O botão estava ficando de novo rígido. Até que tive uma ideia.

— Venham fazer um brinde comigo! — liguei para todos meus amigos.

E tentei explicar a ideia da seguinte forma:

— Que outra música tem paixão, apelo universal e entusiasmo pela vida?

Ninguém respondeu. Segui:

— Música latina, meus caros!

Era isso: aquele som dançante, incontrolável e quente. E concluí:

— Amigos, vou me mudar para El Salvador!

Todos ficaram horrorizados.

— Você vai morrer! — disseram. — Vá pra qualquer lugar. Volte pra África. Mas não vá pra El Salvador!

Tentei convencê-los com um jantar. Eu e meu amigo, o Michael Hawkins, fizemos uma boa apresentação, com pinturas e música ao vivo para acompanhar a refeição. Mas o botão gasto caiu, e minha gaita ficou inútil. Este foi o final da minha Chromonica 64 em Dó. Parecia um sinal.

***

A névoa não mostra sinais de que vai ceder. Estou subindo uma montanha, lentamente, tentando conservar as últimas energias. Tenho a certeza de que vou ver a estrada quando chegar ao topo. Subindo

uma encosta íngreme, finalmente vislumbro o outro lado. Nada além de uma parede interminável de névoa. Não, não, não…

Caio de joelhos. Preciso chegar à estrada, ver uma saída. Ainda estou carregando a gaita cromática, girando-a sem parar numa mão. Decido manter minha boca fechada, para economizar água.

Se eu tentar descer pelo outro lado da cordilheira, posso cair de um penhasco. Há apenas uma coisa a fazer: ter esperança.

Parte 8

# O SEGUNDO GRANDE ESTOJO PRETO DE GAITAS

“Crianças pequenas, deixadas sem
vigilância, receberão um red bull e
uma gaita.”

Placa do lado de fora
de um pub em Londres

# Minha amiga Anita

Três meses depois eu estava no palco com uma banda em San Salvador, a capital. A chuva tropical caía sobre a grande praça do distrito comercial. As pessoas se amontoavam sob os toldos dos cafés. E lá, no meio daqueles cafés, estávamos nós, tocando.

Em todas as portas, sob enormes chapéus de cowboys, estavam homens com espingardas. Seu trabalho era nos proteger dos gângsteres: os maras — uma classe de criminosos impiedosos dos quais se dizia que matariam à menor resistência. A banda tocava uma mistura de ska e salsa. Eu pedi para fazer parte, e o cantor me acolheu. Eu gostava de ska. Aquilo combina elementos caribenhos, como o mento e o calipso, e estadunidenses, como jazz, jump blues e rhythm and blues. E gosto também do que eles cantam: a insatisfação, a marginalidade, a discriminação. Fiquei animado. Eles dedilhavam um ritmo chamado tumbao, um componente importante da salsa. Peguei uma das minhas novas gaitas e soltei uma nota. Eu tinha parado em Nova York, a caminho de El Salvador, para comprar um segundo conjunto de gaitas Blues Harps e um novo estojo preto brilhante. Ao som da gaita, todos congelaram. Era uma estranha e inesperada combinação, e eu mesmo quis parar depois de um tempo, inseguro quanto aos resultados.

Eu estava ali por causa de Anita, minha primeira amiga em El Salvador, que, tomando chá no sofá e fazendo caretas para mim, presenciou muitos dos meus primeiros esforços para tocar.

— Você é um caso sem esperança, Kenny… — ela brincava, com sua voz suave e sensual, os belos e grandes olhos e seu pequeno corpo encaixado entre as almofadas, como uma gatinha.

E ela estava certa. Eu tinha assumido um grande desafio, e sem falar quase nada em espanhol. Nos primeiros meses, me senti mal sempre que tentava pedir comida em restaurantes. Minha dieta se tornou

incerta, e meu método era apontar, tentando adivinhar o menu, e acontecia de eu acabar comendo duas sobremesas no lugar de um prato principal, ou pedindo dois drinques e comida nenhuma. Depois havia a música: muito estranha. Depois de me juntar à banda de salsa-ska, convenci o guitarrista a me ajudar a estudar a música latina. O nome dele era Ivan Demetrio, tímido, uma enorme cabeça, cabelos encaracolados, mente e dedos velozes. Ivan tocava numa das melhores orquestras latinas de El Salvador. Nas tardes de quarta-feira, passava pela minha casa. Seguindo um hábito, que se tornou um ritual e que duraria quatro anos, nos sentávamos no jardim, bebendo volcano coffee e estudando música latina para violão. Tudo, desde a música bachata da República Dominicana – uma mistura de bolero, chá-chá-chá e tango –, até os sons da bossa-nova vindo diretamente do Rio de Janeiro.

— Você precisa tocar o acorde antes da batida da música chegar — dizia ele. — Como uma surpresa!

E eu protestava:

— Por que inventar um poliritmo tão maravilhoso, se você apenas o ignora?

E tudo isso em espanhol. Após um curso intensivo e individual na Guatemala, meu espanhol estava finalmente melhorando. Todos, exceto Anita, ficaram impressionados.

— Melhor, Kenny… Melhor… Mas você ainda é um caso perdido — disse ela, enquanto observávamos os papagaios verdes namorando nas altas mangueiras perto da minha casa.

Anita e eu tínhamos flertado e nos provocado por tempo suficiente para perceber que estávamos destinados à amizade, e não ao amor. Ela se tornou minha grande amiga salvadorenha. Compartilhávamos sonhos e decepções, só que às vezes eu sentia que ela me escondia algo.

— Por que essa tosse, Anita? Alguma alergia?

— Kenny, você precisa ir à Cuba! É onde vivem os melhores músicos latinos!

E era assim que ela fugia do assunto.

Obedeci. Carregando um violão, o estojo de gaitas e algum dinheiro pra primeira noite num albergue, aterrissei em Havana, um mundo de cores e sol, um charme só. A julgar pelos sorrisos e pelas roupas, todos no aeroporto estavam indo para uma grande festa, falando um espanhol muito rápido, como se estivessem com pressa de chegar ao final de uma frase ou ao início da festa. Embarquei num Chevrolet anos

60 e cheguei ao albergue.

O albergue acabou sendo um embuste. Ficamos parados do lado de fora de um prédio abandonado, enquanto eu calculava minhas perdas pelo depósito que tinha feito e me perguntava sobre os comentários falsos que eu tinha lido sobre o albergue. O taxista deu um tapinha no meu braço.

— No te preocupes, amigo! Tenho um amigo que tem um ótimo quarto!

Ele estava dizendo a verdade. E depois de quatro dias a família anfitriã declarou que eu era o melhor visitante que já tiveram. Não importava a hora, eu sempre era bem-vindo, e me sentava para tomar doses de aguardente com os homens. Pela manhã, a dona da casa me recebia com beijos e gritos: “Mi amor, mi vida!”, e um grande prato de frutas, ovos e torradas. Nenhum albergue no mundo poderia ter sido mais acolhedor.

Funcionando a logística, saí pelas ruas de La Habana Vieja, buscando inspiração, e ela estava em toda parte, orgânica, fluida, apaixonada. Parte era pros turistas, mas a maior parte, pros cubanos. Fiquei encantado e impressionado com a falta de equipamentos de som. Todos os grupos que vi tocavam sem amplificador. Havana é um lugar em que as pessoas ouvem quando os músicos tocam.

Um grupo em particular chamou minha atenção – três homens e uma cantora, vestidos de linho branco. Com grande energia, tocavam infinitas variações de temas da região central cubana, cantando juntos os refrãos tão artisticamente que até o barman mal-humorado acenava com a cabeça. Esses anjos musicais foram os professores que escolhi. Eles ainda não sabiam disso. Descobri que seu entusiasmo em tocar música juntos era igual ao desinteresse que tinham em me mostrar como tocá-la.

No entanto, fui persistente. Um dia o guitarrista fez um acordo comigo.

— OK, amigo. A cada 45 minutos fazemos um intervalo de cinco minutos. Você espera e eu lhe mostro um pouco da música cubana. Que tal?

Concordei. E esperava pacientemente, bebericando um mojito. Assim que o show terminava, eles se aglomeravam ao meu redor, bebendo rum gelado, fumando charutos e trocando piadas – e todos me davam conselhos ao mesmo tempo. Eles me ofereciam o rum com a

mesma frequência com que me passavam o violão – e eu, claro, aprendi poucas músicas. Pelo menos, aprendi a rir como um cubano. Assim continuei por quatro dias, de cinco minutos…

Na quarta noite, o guitarrista virou-se pros outros:

— Que diabos, por que não colocá-lo para trabalhar?

E me juntei a eles tocando Guantanamera pros turistas, primeiro no violão e depois na gaita. Era um começo.

Encantado com o pequeno triunfo, fiz uma pausa nas minhas aulas de música para explorar a ilha em uma scooter. Dificultado por uma recente proibição do governo sobre o aluguel de scooters para turistas, tive de contar com um amigo da minha família anfitriã para obter o carro dos meus sonhos. Depois de uma busca minuciosa (que era ficar no meio da rua gritando com os vizinhos e fumando um charuto magnífico…), o chefe da família me presenteou com uma máquina inexpressiva.

Consegui, não sei como, atravessar Havana em segurança, e me vi correndo pela ilha sob o céu azul – El Zancudo se movendo tão lentamente que parecia que até as vacas riam de mim. Frágil, estreita, arranhada e pequena demais, acabei apelidando minha moto de El Zancudo: o mosquito – um nome adequado para um veículo que, depois de 40 km/h, começava a gemer. Mesmo assim eu era capaz de ver a paisagem brilhando ao meu redor, enquanto a Cordillera se estendia pela ilha. Eu ainda ria de pura alegria quando saltei sobre um buraco, e lá dentro se perdeu meu mapa.

E viajei por pequenas cidades, sempre precisando de água, um pouco de comida e gasolina. E muitas pessoas me ajudavam. Ao cair da noite, vi no horizonte as luzes de Havana, mostrando-me o caminho de volta. Quando entrei no Malecón, uma estrada e também um paredão de oito quilômetros ao longo da costa de Havana, estava compondo uma nova música. Não tinha como gravá-la e várias vezes saí do restaurante para cantá-la para mim mesmo do lado de fora, com medo de a esquecer. Eu estava escrevendo minha primeira música de fusão latina.

Mal podia esperar para mostrar à Anita. Chegando a El Salvador, liguei para ela imediatamente, mas ela não atendeu. Depois de alguns dias, Anita retornou minhas ligações e me disse que estava muito doente. Mesmo assim, combinamos de jantar.

Fiquei horrorizado ao ver que seu pequeno corpo tinha diminuído

ainda mais e que ela estava sofrendo. Mal tocou na comida e mal sorriu durante o encontro.

— Kenny, eu tenho fibrose cística. Sempre tive, e essa é a razão da minha tosse.

— Nunca me disse nada…

— Não queria lhe contar, meu amigo, mas agora a coisa está pior…

Senti-me frustrado por não poder fazer nada. E uma noite recebi um telefonema. Atendi com alegria, mas não era nada disso.

— Kenny, não é a Anita. Sou a irmã dela. Anita não está bem. Está em coma.

Não consegui falar nada.

— Quero lhe pedir que toque sua gaita para ela… O médico acha que ela é capaz de ouvir você.

— Quando? — perguntei.

— Agora.

Eles colocaram o telefone próximo à sua orelha.

— Olá, Anita! — Eu tentava me controlar. — Anita, eu tenho uma música para você. Preste atenção.

Cantei e toquei sua música favorita. Do outro lado, silêncio… Eu sentia que aquele som havia chegado em algum lugar daquela cabecinha.

Não saí mais de perto do telefone, esperando a próxima ligação. De fato, duas horas depois, me ligaram para dizer que Anita estava morta. Na minha cabeça, eu havia criado outra cena, mais parecida com aquilo que vivíamos. Acho que era um sonho meu. Não importa. Ela dizia: "Kenny, você é mesmo um caso perdido…" Era esse seu bordão. "Você estragou tudo. Minha música… Você sempre erra no terceiro verso…" Como sempre, as piadas dela eram péssimas. "E por que você está chorando, homem? Sou eu quem está morta, e é você que fica chorando…".

Continuamos nessa conversa louca até o amanhecer. E ela se despediu me garantindo que estava ótima. Eu ia quase acordando, mas ainda a segurei.

"Espere, Anita! Quero te prometer uma coisa: você nunca conseguiu viver seus sonhos, vou vivê-los eu. A partir de agora, estou vivendo por nós dois, ok?" Senti que ela sorriu para mim. E acho que ainda repetiu sua ladainha: "Você é um caso sem esperança, Kenny…".

E se foi.

# Confronto final

Eu estava determinado a viver minha vida até os limites, começando no dia seguinte. Comprei um carro e uma prancha de surf e me mudei pra casa dos meus sonhos. Por algum lance mágico do destino, encontrei um apartamento extravagante para alugar nas encostas íngremes do vulcão El Boqueron.

No alto da floresta, saúdo a manhã com uma xícara de café e um violão. O sol nasce sobre a linha de vulcões que rodeiam a cidade. Cercado por plantações de café e florestas tropicais, eu me via isolado do mundo lá embaixo. Aproveitei meu esplêndido isolamento para compor febrilmente tanto na gaita quanto no violão. Nos fins de semana, ia pra costa, onde ficava sentado na minha prancha vermelha, com minhas pernas mergulhadas no quente Oceano Pacífico, esperando pelas ondas. A vida era quase perfeita.

Viver em tal isolamento me deixou vulnerável aos ladrões e gângsteres de El Salvador, os maras. Eu me defendi, mantendo minha localização em segredo, até mesmo para amigos. Desde que ninguém soubesse que eu estava lá, eu não seria um alvo. Infelizmente, apareceu um vazamento no telhado, e a proprietária contratou alguns homens para consertá-lo. Eu os vi me olhando quando numa tarde peguei minha vespa. Talvez um deles tenha contado pros ladrões.

Era uma noite de sexta-feira, quando minha vida quase perfeita chegou ao fim. Dormi tranquilo, para poucas horas depois acordar com o som de uma mão forçando a maçaneta do apartamento. Não acreditei que aquilo pudesse ser uma invasão, já que o edifício, de quinze metros de altura, contava com um sistema de segurança capaz de eletrocutar qualquer invasor. Voltei a dormir.

Um pouco depois, um barulhinho no telhado. “Animais…”, eu disse para mim mesmo. Por precaução, olhei pela janela. Emoldurada pela

luz da lua, a figura de um homem, de preto dos pés à cabeça, de capuz e luvas. O conselho geral em El Salvador era: não oferecer resistência aos ladrões. A resistência é normalmente recebida com muita violência.

Para piorar, eu não via um homem; eu via o demônio do feiticeiro, a nebulosa forma negra que tinha atormentado meus sonhos por seis anos. E agora estava ali, em carne e osso. Um de nós, portanto, tinha que morrer.

Com um uivo primitivo eu me joguei, como uma pantera, em cima do sujeito, as mãos indo para sua garganta. Ele não esperava por essa reação; deveria estar achando que eu iria implorar por misericórdia. Mas não. De toda forma, conseguiu se desvencilhar de mim, pulou para trás e fugiu pelo telhado. Eu o segui de pijama, mesmo mancando. Durante o confronto, eu machuquei o joelho numa quina da chaminé. O tijolo tinha abocanhado minha carne, até os ossos. Enquanto eu dava conta da dor insuportável, o homem conseguiu, não sei como, pular a cerca elétrica, sumindo na floresta.

Eu olhei para aquilo tudo espantado, e me dei conta de que era eu quem estava preso em minha própria fortaleza.

— Socorro! Ladrones! Socorro! — gritei.

Mas de nada adiantaria. Eu estava em El Salvador, onde criminosos matam por moedas. Meu vizinho e seus vigias não me ajudariam. O preço era muito alto. E eu sabia que havia mais ladrões por ali. Que tipo de homem tenta roubar uma casa sozinho? Escutei atentamente, e até com raiva. O ladrão tinha desencadeado, em mim, uma fúria oculta, plantada por um feiticeiro africano, seis anos antes. Eu parecia um lunático, e, enquanto eles pensassem estar lidando com um lunático, eu tinha alguma chance.

Peguei um atiçador de lareira e fui até a cozinha. Vazia. Fui pro jardim, formado por vários níveis. O primeiro, vazio, e também o segundo. Desci pro terceiro e último nível. O que eu podia fazer? No terceiro nível, com suas árvores altas, a escuridão era quase total.

De repente um homem pulou de uma árvore e caiu na minha frente. Rugi e corri para cima dele, que, para minha surpresa, escalou como uma aranha a parede do do prédio e desapareceu. Eram ladrões profissionais. Consegui ouvir, vindo do lado de fora do muro, a conferência sussurrada de três deles. Pareciam estar tentando decidir se deveriam voltar.

Corri de volta, acendi todas as luzes do terraço e tentei parecer

confiante, levantando o atiçador, para que tivesse a aparência de uma arma de fogo. Pelo menos um atiçador era melhor que uma gaita… Liguei pra polícia. Estariam no local em quinze minutos. Quinze minutos! Poderia ser tarde demais. E tive uma ideia.

Desliguei o telefone, mas o mantive no ouvido, fingindo continuar a conversa.

— Dos minutos? Excelente! — disse bem alto. — Em dois minutos você estarão aqui? Perfeito! Vocês serão muitos? Maravilha!

Eu tinha a certeza de que estava sendo ouvido. Simulei que desligava enfim o celular e parei para ouvir. Tudo era silêncio vindo da floresta. Meu ardil deve ter funcionado, os ladrões fugiram… E a polícia nunca apareceu.

No dia seguinte me disseram que não puderam vir porque estavam vigiando as eleições nacionais. Depois fui olhar as cenas do crime: a escada de corda preta pendurada no muro e a abertura na cerca elétrica onde os fios tinham sido cortados. Entrei no meu carro e fui embora.

Depois de cem metros, o carro morreu, sem bateria. Vi um fazendeiro conduzindo gado do outro lado da estrada.

— Me ajude, por favor! Você pode me empurrar? — E depois exagerei um pouco: — Estou fugindo de uma gangue de ladrões.

Ganhamos velocidade, e com aquele impulso cheguei à estrada descendente. Com um aceno e um grito de agradecimento, liguei o carro e desci na banguela. E foi assim que empreendi minha cômica fuga do vulcão. Eu tinha sobrevivido, não perdi nenhum dos meus bens e ainda me livrara do demônio do feiticeiro. Era hora de deixar El Salvador.

# O som dos Andes

Dormi muito mal pelo tempo restante que fiquei em El Salvador, e nunca mais confiei na noite. No entanto, eu me sentia vitorioso. Tinha encontrado o que eu queria. Agora estava pronto para fazer a música dos meus sonhos.

Decidi realizar uma longa jornada, conectando todos os elementos do meu desenvolvimento como gaitista, em uma única música. Ao longo do tempo, fui me interessando pela música andina.

Voei para Santa Cruz e viajei de ônibus até a capital mais alta do mundo: La Paz. Uma coisa levou à outra, e, depois de gravar com um incrível músico andino, eu me vi explorando algumas das trilhas altas ao redor da fronteira entre os Andes e a bacia amazônica. Desejando economizar as despesas com um guia, segui um blog de viagens on-line que mais tarde se mostrou impreciso. Foi aí que eu errei. Os Andes não são um lugar para se brincar. Cinco dias depois, exausto, num bosque de bambu a cerca de cinco mil metros acima do nível do mar, percebi que estava na parte errada dos Andes.

Em vez de estar com um grupo de viajantes, conversando e recebendo conselhos, eu estava apenas com uma gaita; em vez de uma trilha bem marcada, fui forçado a abrir caminho pelo mato; em vez de dormir em acampamentos acolhedores, com chocolate quente e banho aquecido, dormia enrolado no meu cobertor, tentando me aquecer nas baixas temperaturas daquele mundo. Meu conforto eram as marcas nas rochas, indicando que o povo inca já tinha utilizado aquela trilha. Devia, portanto, dar em algum lugar. Eu também sabia o caminho de volta para La Paz. Estava acima de mim. Fazia todo o sentido eu subir a montanha.

Enquanto eu estava deitado no meu cobertor macio de folhas de bambu, senti a leve picada de uma aranha.

***

À direita eu vejo uma estrada sinuosa abaixo de mim, como um rio de piche misturando-se à paisagem selvagem. Soco o ar em triunfo e planejo cuidadosamente a rota mais fácil e segura. Meio tropeçando, faço minha descida. Uma hora depois, piso numa estrada asfaltada. Não sei quanto tempo tenho que esperar. Não me importo. Um ônibus velho se aproxima, vindo dos Baixos Andes. O motorista encosta.

— A donde va?

— A qualquer lugar — eu digo.

Ele encolhe os ombros e me diz para entrar. Quando me sento, a dor queima o local da mordida da aranha. Abaixo a calça para olhar. Minha nádega esquerda está azul e parece estar necrosando. Encaro a janela e observo a paisagem inspiradora dos Altos Andes. Ainda estou segurando a gaita. Olho para ela.

— Amiga, você ainda tem muitas contas a prestar…

Lágrimas escapam dos meus olhos semicerrados, e uma onda de alívio toma conta de mim. O ônibus está quente, com os corpos dos outros passageiros, e, mais uma vez cercado pela humanidade e por coisas humanas, sinto que a aventura acabou. Assim que voltar para casa, vou mudar pro flautim!, digo a mim mesmo. Quando todo meu corpo cai no sono, o último som que ouço é o de uma gaita batendo no chão.

Fontes: American Typewriter e Charter Roman.
Capa Papel Triplex 300g/m2. Miolo Papel Pólen Soft 80g/m2.
Impressão Meta Brasil.
Direitos desta edição reservados à
EDITORA RAIZ: Rua Marquês de
Olinda 38 Botafogo Rio de Janeiro
RJ Brasil 22251-040
www.editoraraiz.com.br

# Sumário


Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Parte 1 Como eu descobri o blues
    BB King
Parte 2 Suzuki em ré
    Rua Dinamarca
    Greyhound
    Café com prisioneiro
    Traição
    A chegada
    Bran
    O rei do blues
    The Big Easy
Parte 3 Big river em dó
    Numa sala de cirurgia
    Jazzista
    Harmonica man
Parte 4 Marine band em lá
    A profecia
    The Good Ole Boys
    Highway 61
    A cura
Parte 5 A hohner blues harp collection
    Red Stick Ramblers
    Mardi Gras
    11 de setembro
    BBC 4
Parte 6 O pequeno estojo preto
    Harry Potter
    O chamado da África
    Sangalala Afro-Blue
    Ngati Mafunde
    O próximo show
    Um homem duplo
    Ladrões na noite
Parte 7 A chromonica 64

O singanga
O sinal
Parte 8 O segundo grande estojo preto de gaitas
Minha amiga Anita
Confronto final
O som dos Andes